

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LETÍCIA NUNES MACIEL

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA: PROPOSTA DE ENSINO
ATRAVÉS DA CONCORDÂNCIA NOMINAL**

Jaguarão

2023

LETÍCIA NUNES MACIEL

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA: PROPOSTA DE ENSINO
ATRAVÉS DA CONCORDÂNCIA NOMINAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Leonor Simioni

Jaguarão

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M512p Maciel, Letícia Nunes

Preconceito linguístico na escola: proposta de ensino
através da concordância nominal / Letícia Nunes Maciel.

74 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2023.

"Orientação: Leonor Simioni".

1. Concordância nominal. 2. Preconceito linguístico. 3.
Variação linguística. 4. Ensino. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

LETÍCIA NUNES MACIEL

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA: PROPOSTA DE ENSINO ATRAVÉS DA CONCORDÂNCIA NOMINAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06 de julho de 2023.

Banca examinadora:

Profª Drª Leonor Simioni
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profª Drª Ida Maria Morales Marins
(UNIPAMPA)

Profª Drª Camila Witt Ulrich
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **LEONOR SIMIONI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/07/2023, às 09:59, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **IDA MARIA MORALES MARINS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/07/2023, às 17:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CAMILA WITT ULRICH, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/07/2023, às 23:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1176333** e o código CRC **FA69CF34**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: [\(53\) 3261-4269](tel:(53)3261-4269), [\(53\) 3240-5450](tel:(53)3240-5450)

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus por ter conseguido chegar até aqui, pois em muitos momentos nem eu acreditei em mim, achei que não ia conseguir. Mas percebi que pra tudo leva tempo e que por mais difícil que pareça ser, se estudarmos e nos dedicarmos no final sempre dá certo.

À minha mãe, Neusa, por ter estado ao meu lado desde o início de tudo lá em 2019, ou até antes mesmo, pois esse sonho de ser professora começou muito cedo, desde criança e hoje graças a ajuda principalmente dela, se tornou possível. Agradeço pela paciência em casa nos vários dias de estudos, principalmente no período de pandemia. Agradeço por ter acreditado em mim e por ter me apoiado e me motivado a não desistir dos meus sonhos.

À minha orientadora, Leonor, pela paciência, pela disponibilidade de seu tempo, pelos vários dias de escrita, correção e leituras, pelo apoio e incentivo. És uma inspiração pra mim dentro do meio acadêmico, desde o início do curso, pois foi uma professora que me acompanhou desde o primeiro semestre até o último. E quando digo último, digo isso porque foi comigo até o final, na escrita deste trabalho, na dedicação de seu tempo, na paciência e na colaboração.

Às minhas colegas e amigas de curso que foram comigo até o final, Àirete, Raquel e Mariana, por todo o apoio, pelo companheirismo, pelas ajudas, pelo apoio e motivação durante todo o processo de formação, por terem passado junto comigo pelos dias de angústias e pelos momentos de alegrias durante esses quatro anos e meio. Se não fosse por vocês não sei se teria aguentado chegar até aqui.

À todos os professores e professoras do curso, por terem contribuído de forma significativa para a minha formação, por terem me proporcionado vários ensinamentos e vivências dentro da universidade, que com certeza levarei pro resto da vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar os conceitos de preconceito linguístico, variação linguística e concordância nominal, analisar criticamente materiais didáticos que tratem da concordância nominal e, a partir disso, montar uma proposta didática que faça uso da concordância variável para tentar combater o preconceito linguístico dentro da sala de aula. Essa proposta didática foi aplicada em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola da cidade de Jaguarão durante o período de estágio curricular supervisionado. Esse material didático foi criado com base na metodologia de Lopes-Rossi (2011), que contém três módulos a serem trabalhados: leitura, escrita e divulgação ao público, algo que me possibilitou trabalhar bem com o gênero conto e desenvolver um excelente trabalho de combate ao preconceito linguístico junto aos alunos, atingindo os objetivos propostos neste trabalho. Como conclusão, se tem a percepção de que é possível sim trabalhar com a variação linguística nas aulas de língua portuguesa e literatura, de forma sistemática e socialmente sensível.

Palavras-chave: preconceito linguístico; concordância nominal; proposta didática; variação linguística.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo explorar los conceptos de prejuicio lingüístico, variación lingüística y concordancia nominal, analizar críticamente materiales didácticos que tratan sobre la concordancia nominal y, a partir de ello, armar una propuesta didáctica que haga uso de la concordancia variable para tratar de combatir el prejuicio lingüístico. dentro del aula. Esta propuesta didáctica fue aplicada en una clase del 1º año de la enseñanza media en una escuela de la ciudad de Jaguarão durante la pasantía. Este material didáctico fue creado con base en la metodología de Lopes-Rossi (2011), que contiene tres módulos a trabajar: lectura, escritura y divulgación al público, algo que me permitió trabajar bien con el género del cuento y desarrollar un excelente trabajo de combate al prejuicio lingüístico con los estudiantes, alcanzando los objetivos propuestos en este trabajo. En conclusión, tenemos la percepción de que sí es posible trabajar con la variación lingüística en las clases de lengua y literatura portuguesas, de forma sistemática y socialmente sensible.

Palabras clave: prejuicio lingüístico; acuerdo sustantivo; propuesta didáctica; variación lingüística.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Uso da marcação de plural no SN em função da variável posição em relação ao núcleo.....	16
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	13
3 UMA PROPOSTA PARA O COMBATE DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO	19
3.1 Análise crítica de materiais didáticos sobre a concordância nominal	19
3.2 Uma proposta didática: buscando combater o preconceito linguístico e apresentando a variação da língua com o fenômeno da concordância nominal	21
3.2.1 Planos e suas aplicações	22
3.2.1.1 Plano 1	22
3.2.1.2 Plano 2	23
3.2.1.3 Plano 3	24
3.2.1.4 Plano 4	26
3.2.1.5 Plano 5	28
3.2.1.6 Plano 6	29
3.2.1.7 Plano 7	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5 REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE A – PROJETO DE ENSINO	34
APÊNDICE B – PLANOS DE ENSINO	38
APÊNDICE C – PRODUÇÕES DOS ALUNOS	67

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca explorar o conceito de preconceito linguístico, popularizado por Bagno (1999) e discutido também por autores como Vieira (2018), Cardoso e Cobucci (2014), Bortoni-Ricardo (2005; 2021), Simões e Soares (2015), Brandão (2008). Além de explorar o conceito de preconceito linguístico, iremos discutir o conceito de variação linguística através da observação da concordância nominal. A partir daí, serão desenvolvidas propostas didáticas para o trabalho com a variação linguística e o combate ao preconceito linguístico dentro das salas de aulas.

Assim, o objetivo geral do trabalho é propor uma abordagem didática que leve em conta a variação linguística para combater o preconceito linguístico em sala de aula, tendo como fio condutor a concordância nominal. Para isso, após uma breve revisão da literatura sobre variação linguística, preconceito linguístico e concordância nominal, observamos se é e como é trabalhada a questão da variação linguística na sala de aula, a partir da observação de materiais didáticos para o ensino de concordância nominal, para, então, desenvolver uma proposta didática que desenvolva melhor os conteúdos trabalhados com base na variação linguística, levando em conta que a variação é um fato da língua. Essa proposta foi aplicada a uma turma de 1º ano do Ensino Médio durante o componente curricular de Estágio Supervisionado IV - Ensino Médio, e os resultados serão relatados e discutidos.

A escolha do tema para este trabalho de conclusão de curso se deu por meio da participação no projeto de pesquisa “Ensino de gramática na escola: do conhecimento linguístico inconsciente à consciência linguística”. No projeto, analisamos a realização da concordância nominal em algumas redações de alunos do 3º ano do ensino médio de 4 escolas da Grande Florianópolis e percebemos que, considerando a quantidade de textos analisados, o percentual de desvios em relação à norma padrão é mínimo: em 96 redações encontramos apenas 34 ocorrências de concordância nominal não padrão, com mais ocorrências nas redações dos alunos da escola mais periférica. Algo que me inquietou muito, porque como futura professora

pretendo levar para a sala de aula a questão da variação linguística e também do preconceito linguístico para fins de trabalhar com os alunos e fazer com que observem que a variação é um fato da língua.

Ainda nos dias de hoje, pude observar pelas aulas que meu irmão tem no ensino médio, que nas aulas de português continuam sendo trabalhadas as mesmas coisas. Os docentes trabalham apenas com a gramática normativa, com regras que os alunos decoram para a prova e pronto, passam para um novo conteúdo, e não se faz nenhuma relação, nem mesmo com o conteúdo que já foi trabalhado antes.

Percebi, durante as observações dos estágios no ensino fundamental e médio em escolas de Jaguarão, que os alunos ainda cometem muitos desvios das regras gramaticais nas produções escritas, têm muita dificuldade em escrever e se expressar oralmente, porque têm medo de que os outros colegas fiquem falando “Fulano não sabe falar direito” ou “Fulano não sabe escrever”, e isso causa um certo constrangimento nos alunos, que acabam ficando sem querer nem mesmo falar por medo de sofrerem preconceito linguístico. Ao mesmo tempo, os professores não buscam interferir e nem mesmo trabalham com a variação linguística.

O livro “Preconceito linguístico”, de Marcos Bagno (1999), tem como objetivo trazer à luz problemas como esse. Nele, o autor busca desenvolver a ideia do que é o preconceito linguístico e também apresentar questões pelas quais ele ocorre. Mas o que percebemos é que mesmo passados quase 25 anos o preconceito linguístico segue persistindo até os dias de hoje.

No Brasil, o preconceito linguístico é algo que ocorre com bastante frequência, inclusive no contexto escolar. Mas afinal: o que significa falar o português de forma “correta”? Tomando como base os autores consultados para desenvolver este trabalho, falar o português de forma “correta” seria fazer uso das regras das gramáticas tradicionais? Segundo Bagno (1999, p. 9), “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa”, pois precisamos compreender que a gramática normativa não é a língua. Logo, o fato de que a escola apresenta a gramática normativa como “a língua” favorece a manutenção do preconceito linguístico.

Um dos fenômenos variáveis que mais sofrem preconceito linguístico é a manifestação da concordância nominal que, segundo Brandão:

[...] é como, tradicionalmente, se denomina a reiteração do mesmo conteúdo morfológico (categoria de gênero e/ou número) de um nome no(s) determinante(s) (artigo, demonstrativo, possessivo), quantificador(es) /ou adjetivo(s) a ele inter-relacionado(s) sintática e semanticamente, o que funciona, por vezes, como uma marca explícita ou redundante dessa interdependência. (BRANDÃO, 2008, p. 57).

Os exemplos a seguir ilustram as regras variáveis da concordância nominal:

- (1) a. O professor conhece bem aquelas **alunas atentas**.
- b. O professor conhece bem aquelas **alunas atenta** _.
- c. O professor conhece bem aquelas **aluna** _ **atenta** _.
- d. *O professor conhece bem aquela _ **alunas atentas**.
- e. *O professor conhece bem aquelas **aluna** _ **atentas**.

A comparação entre os exemplos (a,b,c) de um lado e (d, e) de outro mostra que as marcas de plural no sintagma nominal podem aparecer em todas as palavras flexionáveis ou apenas mais à esquerda, mas não em qualquer palavra ou de forma aleatória. Todas as três primeiras alternativas são efetivamente produzidas pelos falantes brasileiros, em maior ou menor proporção, como veremos ao longo do trabalho. Simões e Soares (2015, p. 125) explicam que a noção de plural de modo geral pode ser entendida apenas por meio das estruturas de flexão, que geralmente apresentam apenas o acréscimo do /s/ nos segmentos nominais. Mas de modo complexo apenas a presença de um /s/ em um dos elementos, pode ser suficiente para que o interlocutor entenda o sentido de plural. Ainda assim, a gramática normativa, e, conseqüentemente a escola, consideram que apenas a letra (a) é “correta”. Além disso, como nota Brandão (2008, p. 59) em relação a outras línguas, por exemplo, o inglês, é normal que ocorra apenas no nome a indicação de número singular ou plural, como no exemplo a seguir:

(2) The beautiful girls.

Esse breve conjunto de informações é suficiente para percebermos que o trabalho com a língua portuguesa em sala de aula precisa ser diferente. Este trabalho busca contribuir para isso.

2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Infelizmente, o preconceito linguístico é uma realidade que ainda persiste no Brasil, levantando o questionamento sobre o papel da escola para combater esse estado de coisas. Segundo Bagno, ensinar a língua portuguesa no Brasil é:

Esforçar-se para que o aluno conheça de cor o nome de todas as classes de palavras, saiba identificar os termos da oração, classifique as orações segundo seus tipos, decore as definições tradicionais de sujeito, objeto, verbo, conjunção etc. — nada disso é garantia de que esse aluno se tornará um usuário competente da língua culta. (BAGNO, 1999, p.108)

Percebe-se que realmente o que Bagno fala sobre o ensino do português no Brasil ocorre com frequência. Como bem coloca Vieira (2018, p. 12), “as raras questões relacionadas à variação linguística abordam o tema, como se pode verificar, como apenas mais um conteúdo a ser teoricamente descrito e ensinado, o que não possibilita a discussão reflexiva com os alunos considerando efetivamente temas variáveis”. A autora comenta que existe uma separação em relação aos conteúdos de gramática e de variação e que isso se dá pelo fato de que os materiais didáticos geralmente tratam da variação como algo isolado. Porém esses dois conteúdos precisam ser trabalhados juntos para que os alunos consigam interagir com esses temas e dar sentido a conhecimentos de mundo que possuem desde antes mesmo de terem tido contato com a escola, pois é por meio desses conteúdos que os discentes conseguirão compreender que nem todo mundo precisa falar igual para saber falar o português e que existem regras variáveis.

De acordo com Marcos Bagno (1999, p. 4), “Diz-se que o ‘brasileiro não sabe Português’ e que ‘Português é muito difícil’. Estes são alguns dos mitos que compõem um preconceito muito presente na cultura brasileira: o linguístico”. Mas afinal a pergunta é: o que é saber português? A que se referem as pessoas que dizem que os brasileiros não sabem falar português? O preconceito linguístico acontece quando alguém é discriminado ou menosprezado por sua forma de falar. Em geral, as formas consideradas

desprestigiadas são aquelas que o senso comum identifica como características de pessoas com baixa escolaridade e/ou condição socioeconômica menos favorecida (como periferias ou zonas rurais). Isso acontece porque somos levados a acreditar que existe apenas uma forma “correta” de falar e escrever (as regras da gramática normativa), e que tudo que se desvie dessas regras é “errado”. Ao mesmo tempo, existe uma crença de que cada falante fala sempre da mesma forma. Assim, existiriam falantes que “falam e escrevem certo” e falantes que “falam e escrevem errado”.

No entanto, a Sociolinguística tem mostrado que as línguas são variáveis por natureza, e essa variação é condicionada tanto por fatores internos à língua quanto por fatores sociais, como idade, gênero, escolaridade, região de origem, dentre outros. Além disso, também já sabemos que nenhum falante fala e escreve sempre exatamente da mesma forma: todos nós adaptamos nosso uso da língua à situação de comunicação, levando em conta o grau de formalidade, os interlocutores e diversos outros fatores (BORTONI-RICARDO, 2005). Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2021, p. 58), a variação linguística é utilizada pelos falantes “[...] para ampliar a eficácia de suas contribuições em uma conversa ou em um discurso individual e, principalmente para marcar sua identidade”. Ou seja: discriminar alguém pela sua forma de falar é atacar a identidade dessa pessoa.

Como já dito na Introdução deste trabalho, a concordância nominal no português brasileiro é variável: a marca morfológica de plural pode aparecer de forma redundante, em todos os elementos flexionáveis de um sintagma nominal, ou apenas no(s) elemento(s) mais à esquerda. Segundo Cardoso e Cobucci, isso

[...] ocorre pela possibilidade de marcação morfológica ou não em todos os elementos linguísticos dos sintagmas. Devemos atentar para o fato de que a variação linguística é intrínseca às línguas e ocorre, de forma sistemática e coerente, com maior ou menor frequência, em função de aspectos linguísticos e sociais (CARDOSO; COBUCCI, 2014, p. 82)

À primeira vista, pode parecer que “vale tudo”, mas diversos estudos têm mostrado que existe uma sistematicidade na realização da concordância nominal. Ainda segundo as autoras:

As pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que os aspectos linguísticos mais importantes para que ocorra a variação da concordância são a saliência fônica e a posição dos elementos no sintagma. Com relação aos aspectos sociais, um dos mais importantes para entender a variação da concordância de número no PB é a escolaridade dos falantes (CARDOSO; COBUCCI, 2014, p. 82).

O texto de Brandão (2008, p. 66) reúne diferentes estudos sociolinguísticos sobre o tema, que corroboram e detalham esses condicionamentos. A autora mostra que o princípio da saliência fônica atua da seguinte forma: quanto maior a diferença fônica entre uma palavra no singular e sua forma pluralizada, maior a chance de essa palavra receber uma marca de plural. Por exemplo:

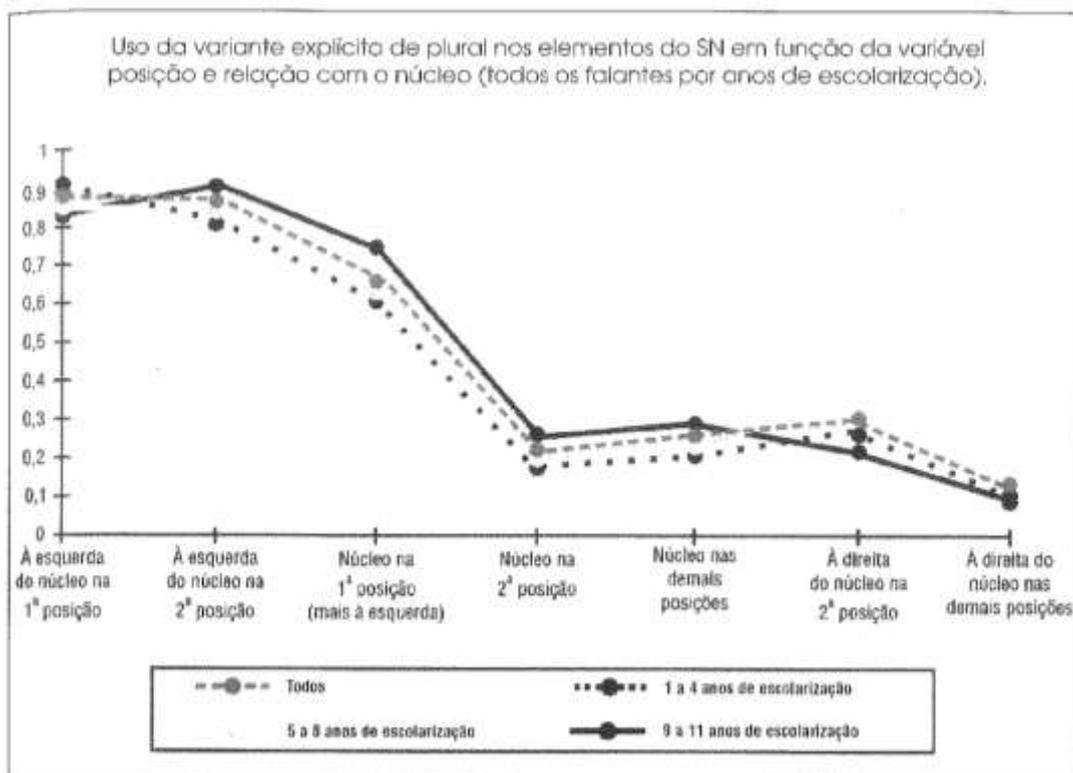
- (3) a. filho_ / filhos
b. ovo_ / ovos

Observa-se que a diferença entre as formas singular e plural na letra (a) é apenas a inserção do -s, enquanto na letra (b) muda também o timbre da vogal (fechada / aberta).

Já a posição dos elementos no sintagma aponta que os elementos anteriores ao núcleo substantivo tendem a receber a marcação morfológica de número e os elementos após o núcleo tendem a não receber. O núcleo também tende a ser não marcado, a menos que esteja na primeira posição absoluta (BRANDÃO, 2008, p. 68).

É importante notar que em todos esses casos estamos falando de tendências, e não de regras absolutas. Isso fica evidente quando observamos a figura abaixo:

Figura 1 - Uso da marcação de plural no SN em função da variável posição em relação ao núcleo



Fonte: Brandão, 2008, p. 69

A figura mostra que todos os falantes, mesmo os mais escolarizados, não produzem 100% de marcas de plural no SN, mesmo nos elementos mais à esquerda. Também vemos que todos seguem a mesma tendência, com pequenas variações no desempenho conforme a escolaridade.

Simões e Soares (2015) discutem a realização da concordância nominal na fala infantil e sua relação com contextos da vida social relacionados, em maior ou menor grau, à cultura letrada a partir de estudos com crianças não alfabetizadas entre 3 e 6 anos de classe média alta (SCHNEIDER, 2012 apud SIMÕES; SOARES, 2015) e crianças com perfil semelhante residentes em uma vila de papeleiros (VIEGAS; SIMÕES, 2012 apud SIMÕES; SOARES, 2015). Elas mostram que as crianças de classe média alta fazem a marcação redundante de plural no sintagma nominal 91% das vezes, enquanto as crianças da vila de papeleiros usam a marcação redundante apenas 15% das vezes. Todas elas mostram sensibilidade a

fatores condicionantes linguísticos, como a classe gramatical da palavra, e a fatores sociais, como o tipo de interação (mais ou menos formal). Esses resultados vão na mesma direção do comportamento dos adultos. Nas palavras das autoras:

A morfossintaxe da língua portuguesa falada no Brasil tem suas especificidades, ligadas ao funcionamento da língua, aos sentidos dos discursos de grupos sociais diversos, e não há nada de errado nisso. Diferenças de produção de formas padrão e não padrão na fala infantil parecem estar relacionadas a oportunidades sociais, não cabendo relação da produção variável com baixo desempenho cognitivo, como faz pensar o discurso de alguns professores sobre alunos “burros”, assim tachados por usarem determinadas formas linguísticas. Crianças com maiores oportunidades de circulação em meio letrado e altamente escolarizado produzem mais formas padrão, mesmo antes de ir à escola. E todas (não importa de que classe social) usam sua língua de modo muito confortável, fluente e preciso. (SIMÕES; SOARES, 2015, p. 141).

As autoras também chamam a atenção para o fato de que as crianças com menos oportunidades sociais demonstram saber usar a concordância padrão, pois usaram essa variante 15% das vezes. Ou seja, elas sabem como funciona a concordância nominal no português brasileiro. E as crianças de meios mais favorecidos também não empregaram a variante padrão em 100% de suas interações.

Esses fatos se aproximam dos resultados obtidos no projeto de pesquisa “Ensino de gramática na escola: do conhecimento linguístico inconsciente à consciência linguística”, mencionados na Introdução: embora a quantidade de ocorrências de concordância não padrão tenha sido baixa nas redações analisadas, os maiores índices estavam justamente nas redações dos alunos da escola mais periférica. Como se trata de redações de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, esperaríamos que a escolarização tivesse um maior efeito, ou, pelo menos, que promovesse um maior equilíbrio do desempenho dos alunos de diferentes escolas, oportunizando maior equidade entre sujeitos oriundos de realidades sociais distintas, como defendem Simões e Soares (2015) na conclusão de seu texto.

Por esses motivos, é importante que a variação linguística seja assunto da escola, pois se esse tema for bem trabalhado, vamos poder fazer com que

o preconceito linguístico seja combatido, nem que seja um pouco, pois teremos a oportunidade de mostrar que existem diversas maneiras de falar uma mesma coisa, que todas elas são legítimas e que todo falante domina as regras da sua língua. E, se o objetivo da escola é ampliar o acesso à cultura escrita, é possível partir desse conhecimento prévio que todos os alunos, mesmo os que vêm de condições menos favorecidas, já têm. É preciso desenvolver aulas que façam com que os discentes construam conhecimentos a partir dos seus conhecimentos prévios para fazer relação com o conteúdo novo que está sendo apresentado. Por isso a importância de atividades com a variação linguística, principalmente nas aulas de português. Uma tarefa importante é mostrar as regras gramaticais que existem, e mostrar que a variação linguística emana, toda ela, de regras gramaticais variáveis.

Por todos esses motivos citados aqui neste trabalho, queremos pensar um ensino de concordância nominal socialmente sensível, que contribua para o domínio da norma, para a compreensão da variação linguística como característica natural de qualquer língua humana, e para o combate ao preconceito linguístico.

3. UMA PROPOSTA PARA O COMBATE DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

3.1 Análise crítica de materiais didáticos sobre a concordância nominal

Para essa análise crítica dos materiais didáticos sobre concordância nominal, escolhi analisar a obra “Gramática inteligente do Português do Brasil”, de Vitral (2017), e o livro didático “Gramática reflexiva: texto, semântica e interação”, de Cereja e Cochar (2013)¹.

Primeiramente começarei com a análise do livro didático de Cereja e Cochar. A seção sobre concordância nominal contém 7 páginas, é um material bem sucinto, pois ele traz apenas uma breve explicação da concordância nominal e depois já começa com exercícios. Nessa breve explicação, o autor apresenta a concordância padrão como uma regra geral, com o uso de uma tirinha, e após faz algumas explicações explorando as falas que são apresentadas na tirinha, mas é algo bem curtinho e sem nenhum comentário sobre variação. Depois, já são apresentados os exercícios, que são colocados em blocos: o primeiro são 9 questões sobre os chamados “casos especiais” de concordância nominal; o segundo são 5 questões sobre a concordância na construção do texto; e o terceiro e último traz 7 questões sobre semântica e discurso, sempre relacionadas com a concordância nominal.

Os dois últimos blocos de exercícios trazem textos que ilustram a regra variável da concordância nominal, mas a grande maioria das questões pedem para reescrever os trechos não padrão e fazer a devida concordância. Em nenhum momento temos um exercício que faça o contrário, que seria pedir para os alunos que eles peguem uma frase com a concordância nominal padrão e a tirem do padrão, acredito que esse seria um exercício bem bacana de fazer com os alunos.

¹ A escolha desses materiais específicos se deu por dois motivos: o primeiro, para contrastar um livro didático e uma gramática que pode ser usada como base para aulas de língua portuguesa; o segundo, porque eram os materiais que tínhamos à mão, uma vez que este trabalho teve início durante o período da pandemia de COVID-19.

Embora termos como “erro”, “certo” e “errado” não apareçam, aparecem enunciados como “o texto causa estranhamento devido à *falta de concordância* entre algumas palavras e termos” (CEREJA; COCHAR, 2013, p. 351, grifo nosso), que indicam que haveria uma forma “com concordância” e outra “sem concordância”, e não uma regra variável de expressão da concordância nominal. Também percebemos que os autores em momento algum fazem referência à variação da língua, porém temos expressões como: *desvios da norma-padrão, linguagem regional e coloquial, fala popular, nordestina, linguagem “matuta”, cultura popular, cultura erudita*. Esses termos nos levam a pensar se esses usos na sala de aula não acabam colocando lenha na fogueira do preconceito linguístico, porque o que deveríamos mostrar para os alunos é que existe variação na língua, tanto na escrita, quanto na fala.

O segundo material analisado é o do Vitral (2017), que não é um livro didático, é uma gramática que pode ser utilizada em sala de aula. A parte sobre concordância nominal contém 16 páginas, 14 de conteúdo e 2 de exercícios. O conteúdo se divide em: conceito de concordância nominal; flexão de gênero e número dos nomes e adjetivos, com detalhamento das regras principais e secundárias; a concordância nominal na fala e na escrita. Os exercícios desse material focam mais na parte morfológica, mas também encontrei em um dos exercícios um trecho que poderia gerar preconceito linguístico durante a aula, pois fala sobre “fala” e “dialeto mineiro”, ou seja, ele usa essas expressões para dizer que já era esperado que a concordância nominal não ocorresse de acordo com o português padrão. Por outro lado, o exercício propõe a observação da concordância não padrão, e não pede para “corrigir” ou “reescrever de acordo com o padrão”.

A explicação do material de Vitral (2017) é bem rica de conteúdo, inclusive foi o material explicativo que levei nas minhas aulas do estágio dentro de um dos meus planos em que trabalhei a concordância nominal com os alunos, porém fiz alguns ajustes em relação aos exemplos, colocando exemplos do texto que estávamos trabalhando, para que os alunos relacionassem o conteúdo ao texto.

Para concluir essa parte das análises dos materiais didáticos, eles não estão ruins para serem trabalhados na sala de aula, mas precisam de alguns ajustes para que façam de fato sentido para os alunos que estão estudando o conteúdo, e precisam trazer mais exemplos e atividades que estejam relacionados ao nosso cotidiano, porém essas são arrumações que o próprio professor que vai trabalhar pode fazer. Também seria preciso ajustar a linguagem que fala sobre desvios da norma-padrão, linguagem regional e coloquial, fala popular, erudita, entre outros termos utilizados pelos autores. Também seria interessante, como já disse acima, não só trabalhar com a questão de reescrever passando para a norma-padrão, mas também tentar fazer o contrário, para mostrar para os alunos a regra variável. Isso tudo servirá como base para tentar combater o preconceito linguístico, que é muito presente ainda hoje dentro das salas de aulas, principalmente nas aulas de português.

3.2 Uma proposta didática: buscando combater o preconceito linguístico e apresentando a variação da língua com o fenômeno da concordância nominal

O objetivo desta proposta de atividade pedagógica é abordar o tema do preconceito linguístico através do fenômeno variável da concordância nominal, com uma turma de 30 alunos do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, na cidade de Jaguarão. A proposta pedagógica foi elaborada com base na metodologia de Lopes-Rossi (2011), que contém três módulos: leitura; produção escrita; e divulgação ao público. Para isso, o gênero textual conto serviu como um ponto de partida para a elaboração e aplicação da proposta didática. Vale ressaltar que essa proposta foi pensada no componente curricular obrigatório do curso: Estágio Curricular Supervisionado III - Ensino Médio e aplicada no componente curricular obrigatório do curso: Estágio Curricular Supervisionado IV - Ensino Médio, ambos sob orientação da professora Ida Marins.

Portanto, pretendi nessa proposta didática levar a variável da concordância nominal para dentro da sala de aula, para que com isso consiga

melhor desenvolver e abordar o tema do preconceito linguístico que é algo muito recorrente nas escolas, principalmente no ensino médio. A ideia não é levar apenas o conceito de concordância nominal para as aulas de português e literatura, mas sim, com base na leitura de um conto do autor José Falero, intitulado “Aconteceu amor”, mostrar o uso dessa variável tanto na fala quanto na escrita, e ainda, discutir o tema do preconceito linguístico levando como base as próprias falas dos personagens do conto.

O objetivo geral da proposta pedagógica elaborada é desenvolver a capacidade dos alunos em ler, compreender/interpretar e produzir contos, e torná-los mais conscientes sobre as questões relacionadas ao preconceito linguístico. Como objetivos específicos da proposta, pretende-se que os alunos consigam: identificar, ler/compreender e interpretar com eficiência conto; produzir conto; analisar e refletir sobre a língua; e socializar conto.

Essa proposta pedagógica está dividida em 7 planos de atividades semanais de 6 horas/aula, que envolvem os três módulos da metodologia de Lopes-Rossi (2011): módulo 1 - leitura, módulo 2 - produção escrita, módulo 3 - divulgação ao público, e tem carga horária total de 30 horas/aula. Na seção seguinte estão apresentados os planos de aulas elaborados, está explicado como foi a elaboração, o tempo de duração, o objetivo geral e objetivos específicos de cada plano e um breve relato de como foi a aplicação, com foco na discussão sobre concordância nominal e preconceito linguístico. O projeto e os planos na íntegra estão disponíveis nos apêndices, bem como alguns dos textos produzidos pelos alunos.

3.2.1 PLANOS E SUAS APLICAÇÕES

3.2.1.1 Plano 1

Elaboração: Esse primeiro plano foi pensado e elaborado no final do ano de 2022 após a observação das aulas do ensino médio na escola Instituto Estadual de Educação Espírito Santo. Desde a sua primeira elaboração, teve várias mudanças até o dia da aplicação na escola em 2023.

Tempo de duração: 2 horas/aula.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade dos alunos de observação dos seus conhecimentos prévios.

Objetivos específicos: Expor os conhecimentos prévios sobre o gênero conto e sobre o tema do preconceito linguístico; realizar debate em relação aos conhecimentos prévios.

Aplicação: Nessa primeira semana ocorreram apenas 2 horas/aula. Com isso, o plano abordou apenas as questões básicas de introdução ao trabalho com o gênero conto e com o tema do preconceito linguístico. Essas questões foram colocadas no quadro, e os alunos copiaram no caderno e responderam, como eram 12 questões não deu tempo de fazer o debate nesse momento, ficou para a semana seguinte. Durante o tempo disponibilizado para os alunos responderem as questões foram surgindo dúvidas nos alunos, o que pude perceber logo de início é que de fato não sabiam o que é o preconceito linguístico, mas mesmo assim a grande maioria comentou que acredita que pratica dentro da sala de aula.

3.2.1.2 Plano 2

Elaboração: Nesse segundo plano, foi feito o debate referente às questões do primeiro plano. Demorou até chegar ao conto que foi trabalhado nesse plano, porque procuramos por um conto que chamasse a atenção dos alunos e que ao mesmo tempo apresentasse questões referentes à concordância nominal na escrita do mesmo. Finalmente, junto com a orientadora Leonor Simioni, encontramos o conto do autor José Falero, intitulado “Aconteceu amor”, que apresenta em seus diálogos alguns casos de concordância nominal padrão e não padrão. E também foram pensadas algumas questões para melhor compreensão dos alunos sobre o conto lido.

Tempo de duração: 3 horas/aula.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade de leitura e compreensão dos alunos sobre conto.

Objetivos específicos: Ler e compreender conto; responder a questões referentes ao gênero conto e ao tema do preconceito linguístico; realizar debate em relação às perguntas sobre o gênero conto.

Aplicação: No primeiro momento desse segundo plano, ocorreu o debate sobre as questões do primeiro plano, nesse momento percebi que os alunos são bem participativos em relação a debates e a grande maioria participou, e trouxeram respostas sobre os conhecimentos prévios que chegavam bem perto do conceito. Em relação ao tema do preconceito linguístico, todos disseram que não sabiam do que se tratava, mas como tem “preconceito”, apontaram que certamente já devem ter praticado algumas vezes com os colegas em sala de aula. E sobre o gênero conto, alguns já tinham escutado falar sobre, mas nenhum já havia lido um conto, pois a turma não tem costume de ler. Após toda essa introdução com o debate da semana anterior, foi solicitado que os alunos lessem o conto intitulado: “Aconteceu amor”, do autor José Falero. Nesse momento confesso que esperava que a maioria nem fosse ler, porque não têm esse costume, mas me surpreendi, porque todos leram o conto e ao terminar foram comentando que gostaram, que o texto não era chato, que era engraçado e que chamava a atenção deles para lerem até o final. Depois para terminar esse plano, foram passadas as questões sobre o gênero conto e algumas sobre o tema do preconceito linguístico, que os alunos copiaram e responderam nos seus cadernos. O debate sobre essas questões ficou para o próximo plano.

3.2.1.3 Plano 3

Elaboração: Nesse terceiro plano, teve todo um momento de seleção dos textos para serem trabalhados com os alunos na sala de aula, porque precisavam ser textos curtos e bem explicativos. O texto sobre o gênero conto precisava conter todos os detalhes sobre o que contém em um conto, já o texto sobre o tema do preconceito linguístico não precisava conter tantos detalhes, era apenas o básico para que os alunos compreendessem o que era e tivessem um conceito. Os exemplos desse plano foram todos retirados do conto, para serem utilizados em debate com os alunos, e foram selecionados junto com a ajuda da professora orientadora Leonor Simioni. Também foi selecionado um texto e algumas imagens para contextualizar o

local em que se passa o conto. E algumas questões para os alunos pensarem e debaterem.

Tempo de duração: 6 horas/aula.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade dos alunos em ler e compreender as características sobre o gênero conto e o tema do preconceito linguístico. E desenvolver a capacidade de análise linguística de conto dos alunos.

Objetivos específicos: Realizar debate em relação às questões sobre o gênero conto, preconceito linguístico e a diversidade da língua; realizar leitura sobre o gênero conto e sobre o tema do preconceito linguístico; analisar linguisticamente conto; responder questões referentes à concordância nominal e ao preconceito linguístico; montar mapa mental sobre o texto do gênero conto.

Aplicação: A aplicação desse terceiro plano se estendeu por mais de uma semana, porque os debates e as dúvidas dos alunos renderam bastante e por isso foram trabalhados com mais tempo. Começou com o debate do plano 2, que era em relação ao conto que os alunos tinham lido, nesse momento os alunos se mostraram bem entusiasmados em falar sobre o conto, pude perceber que realmente gostaram da leitura, e em relação às respostas das questões o debate rendeu bastante porque todos os alunos queriam falar, cada um tem um modo de pensar e por isso surgiram respostas variadas, alguns até concordavam com o que o colega estava dizendo, mas acrescentavam alguma coisa a mais. Após encerrar esse momento de debate, teve a leitura do texto sobre o gênero conto, conforme iam lendo em uma leitura compartilhada para que todos pudessem participar, foram ocorrendo alguns instantes em que era solicitado que parassem a leitura para que pudesse ocorrer a explicação daquilo que eles estavam lendo, nesse momento ocorreu bastante participação dos alunos também, porque quando terminava a explicação eles sempre tinham alguma questão para perguntar ou para acrescentar. Após teve o momento da leitura do texto sobre o tema do preconceito linguístico, nesse momento foi onde mais os alunos se surpreenderam porque ao ser lido e explicado o texto, eles foram olhar as questões que tinham respondido anteriormente, e relataram que tinham escrito algo bem parecido com o que estava ali no texto como o conceito. Me

surpreendeu ver o quanto eles participaram durante as leituras e durante os debates e se mostraram interessados no assunto o tempo inteiro. Foram relatando que com certeza já praticaram o preconceito linguístico dentro da sala de aula, inclusive um dos alunos relatou que falava para a avó que ela falava “errado”, que vivia corrigindo ela, mas que agora depois da aula saiu com uma nova visão e que percebeu que não existe “certo e errado”, porque a língua tem uma diversidade enorme.

3.2.1.4 Plano 4

Elaboração: Durante esse processo foram utilizados os exemplos do plano 3 para começar o plano, porque não teve tempo de serem aplicadas no plano da semana anterior. Após, foi feita uma busca na internet por algum material bom para contextualizar o local do conto, que é a Vila Sapo. Confesso que a busca por esse material não foi das mais fáceis, pois não tinham muitas coisas que retratassem como era de fato o local, mas depois de muita procura, encontrei uma entrevista na Revista Opera, em que o autor José Falero contava um pouco sobre como era o local, como era a situação e falava um pouco até da sua casa e sua moradia no local, conta um pouco da sua experiência vivendo lá na Vila Sapo. Além disso também procurei levar algumas fotos para ilustrar o local e para fazer com que ocorresse uma melhor compreensão dos alunos sobre o local em que o autor vivia e escrevia em seus contos, relatava questões da sua vivência. Depois foi um momento em que busquei elaborar algumas questões que fizessem os alunos pensarem a respeito da linguagem e dos personagens. Após foi o momento de mostrar para os alunos uma definição da concordância nominal, nesse momento de procura de materiais, optei por utilizar um material que foi usado já na escrita do referencial teórico desse projeto, o texto do Vitral (2017), porém foram feitas algumas mudanças em relação aos exemplos que eram apresentados no texto original, pois fiz a mudança para exemplos do conto popular trabalhado com os alunos “Aconteceu amor”. Ainda por solicitação da professora titular do estágio IV, trouxe para complementar uma parte dessa definição em que fala sobre os morfemas de concordância nominal, uma breve explicação sobre morfemas de gênero e número, só para fazer com que

os alunos tivessem uma melhor compreensão. E para terminar essa elaboração, foi pensado junto com a professora orientadora desse projeto, a ideia de fazer uma atividade para saber como ficou o entendimento dos alunos em relação a essa questão da concordância nominal, o exercício foi elaborado de uma forma bem simples e solicita apenas que os alunos pesquisem e apresentem um exemplo com o uso não padrão da concordância nominal.

Tempo de duração: 6 horas/aula.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade dos alunos de analisar aspectos linguísticos no gênero conto, e de reflexão sobre o trabalho com a concordância nominal na sala de aula.

Objetivos específicos: Analisar linguisticamente conto; responder questões referentes à concordância nominal e ao preconceito linguístico; realizar reflexão sobre a língua e sobre a concordância nominal; debate em relação à concordância nominal.

Aplicação: Durante a aplicação desse plano, primeiramente começamos com a análise linguística do conto “Aconteceu amor” do autor José Falero, com os exemplos selecionados do conto, que foram passados no quadro e discutidos com os alunos. A discussão rendeu bastante e eles foram percebendo questões como: “Sim, nós falamos muito parecido com o personagem Ronaldo, e raramente falamos ou escrevemos parecido com a personagem Marcinha”, também consegui fazer com que tirassem a ideia de erro das suas cabeças com as questões feitas oralmente sobre alguns aspectos do conto. Na hora de trabalhar com o texto que serviu para contextualizar o local do conto, foi onde mais me surpreendeu, pois os alunos ficaram surpresos por saberem como era o local, como eram as coisas e as casas, como o autor vivia, pois o personagem Ronaldo em alguns momentos relata a experiência de vida do próprio autor. Rendeu bastante discussão nessa parte, surgiu até comentários de que alguns parentes, como avós deles, tinham passado por alguma situação parecida na infância. Quando li e expliquei o texto sobre a concordância nominal, me deparei com bastante dúvidas dos alunos, embora já tivessem trabalhado em outro momento sobre esse assunto, não era algo que estava bem claro para eles, com isso levou mais tempo do que o

esperado para essa explicação, pois fui com muita calma, fazendo todo um processo de ler, explicar, colocar os exemplos no quadro e ir olhando parte por parte com os alunos, ir perguntando se estavam entendendo, se tinham alguma dúvida, mas no final deu tudo certo e foi passada a atividade de pesquisa sobre a concordância nominal para fazerem em casa e apresentarem na próxima aula.

3.2.1.5 Plano 5

Elaboração: Durante esse processo, pensamos em várias formas de trabalhar a escrita de conto até chegar à proposta feita nesse plano. A ideia é conseguir trabalhar nessas produções a questão do preconceito linguístico, por isso, foi pensado em fazer com que os personagens dos contos sejam os próprios alunos, ou seja, que os alunos façam com que as falas dos personagens sejam do mesmo modo como eles falam no dia a dia, ou pelo menos que sejam o mais próximo possível dessa realidade. Essa ideia surgiu em uma reunião com a orientadora desse projeto, pois precisava ser algo que fizesse com que no final os alunos pudessem refletir sobre a questão do preconceito linguístico e tirem a ideia de “erro” dos seus pensamentos. Também foi pensado um exercício de auto-avaliação das escritas, que será feito antes mesmo da primeira correção feita por mim. Com esse exercício, pretendo fazer com que os alunos consigam aprender a olhar para o seus textos e se auto avaliarem, pois com o material referente às questões sobre o gênero conto e com a minha ajuda, acredito que esse processo se torne mais fácil para os alunos, pois é um momento de poderem olhar para os seus textos e tentar ver se ainda falta algo, se precisa melhorar algo, ou se está tudo do jeito que foi solicitado.

Tempo de duração: 6 horas/aula.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade de escrita de conto dos alunos.

Objetivos específicos: Escrever conto; responder questões referentes à primeira escrita do conto.

Aplicação: Durante a aplicação deste plano, no primeiro momento ocorreram as apresentações da atividade de pesquisa passada na aula anterior, nesse

momento ocorreu bastante debate e levou mais tempo do que pensei, os alunos se mostraram bem interessados, pelo menos a grande maioria, teve uma exceção de poucos que apenas pesquisaram na internet e copiaram o que apareceu na primeira página, e levaram o conteúdo que estava já com a concordância nominal padrão feita, e o que fizeram foi tirar do padrão. Com isso, aproveitei para ressaltar a importância de não copiarem tudo que está na internet, e sim tentarem fazer de fato o que foi solicitado pelo professor, mas mesmo assim pude perceber que eles entenderam a diferença entre a concordância nominal padrão e não padrão. Teve até mesmo alguns exemplos em que os alunos levaram falas dos seus avós para complementar o que já haviam apresentado e comentado com os colegas. Acredito que com esse trabalho os alunos tenham de fato tirado a ideia de “erro” em relação à língua, busquei o tempo todo durante as aulas falar em variação e em que não existe uma fala certa ou “errada”. Após foi o momento da escrita dos contos, algo que também me surpreendeu porque não conseguimos terminar as escritas no tempo previsto para o plano, porque realmente os alunos estavam escrevendo bastante coisas, como a turma não gosta muito de escrever, pensei que seria algo mais curto, mas realmente gostaram da proposta de escrita e acredito que saíram belos trabalhos. Porém não deu tempo de fazer o exercício de auto-avaliação, que ficou para a próxima semana.

3.2.1.6 Plano 6

Elaboração: Durante a elaboração desse plano, foi mais pensado na questão de como fazer o processo de reescrita dos contos dos alunos e em como fazer a divulgação, então com isso pensei na ideia de solicitar que os alunos, depois dos textos prontos, criem uma imagem com base nas histórias escritas para colocar de capa nos seus trabalhos, para que depois possam socializar esses contos.

Tempo de duração: 6 horas/aula.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade dos alunos de reescrita de conto.

Objetivos específicos: Escrever conto; responder questões referentes à primeira escrita do conto; reescrever conto; criar imagens para divulgação dos contos.

Aplicação: Durante a aplicação deste plano, em um primeiro momento foi para que alguns alunos ainda terminassem de escrever os seus contos, após foi passado o exercício de auto-avaliação, que foi algo que me surpreendeu bastante, pois os alunos começaram a olhar para cada uma das perguntas e ir olhando os seus textos, fizeram diversas perguntas e por fim até mesmo alguns mudaram algumas coisas nos textos após essa auto-avaliação. Do meu ponto de vista, esse foi um exercício super produtivo e que despertou nos alunos aquele olhar de verificação em relação ao que foi proposto na escrita e do que realmente escreveram, tiveram o cuidado de apontar aquilo que não foi cumprido da tarefa, para cumprirem depois na reescrita. Após levei os textos escritos pelos alunos para casa, junto com o exercício de auto-avaliação e fui fazendo anotações nos textos, o maior problema nas escritas deles foram erros de pontuação e ortografia, já nas partes em que solicitei para escreverem as falas dos personagens parecidas com as que eles falam no dia a dia, foi uma das partes em que eles comentaram que mais gostaram de escrever, porque podia ser algo livre, algo espontâneo e sem preocupações, como se eles estivessem conversando com algum amigo. Ainda assim, nenhum dos alunos fez uso da concordância não padrão em seus textos, o que chama a atenção porque, nas aulas anteriores, reconheceram que falam assim. E por fim, foi o momento da reescrita dos contos, apresentei a proposta e logo de início todos gostaram, quis sair um pouco do padrão de só escrever e escrever, nesse momento propus uma capa com algum desenho para representar a história que escreveram, o trabalho ficou muito bom e pelos comentários dos alunos, acredito que gostaram bastante e que aprenderam bastante também em relação ao preconceito linguístico, porque perceberam que todos eles falam uns diferentes dos outros, e que está tudo bem falar diferente do outro e diferente daquilo que a gramática nos impõe como o “correto”.

3.2.1.7 Plano 7

Nesse plano 7, como é o encerramento do estágio, foram apenas 2 horas/aula, em que ocorreu o processo de divulgação ao público, porém quis fazer algo diferente e que pudessem compartilhar com os colegas sobre como foi a experiência de escrita de cada um e também montar um caderno com os contos dos alunos e deixar disponível na biblioteca da escola. Pois cada um criou uma história totalmente diferente da história do outro. Durante a aula fizemos uma roda e cada um teve o seu espaço para falar sobre como foi a experiência de escrita e também para falar um pouco sobre o seu conto para os colegas. Nesse momento de socialização surgiu, durante os relatos dos alunos, uma espécie de surpresa deles mesmos em relação à questão principal das produções, que era ter um diálogo e esse diálogo ser o mais próximo possível do modo como falam no dia a dia, comentaram de como foi interessante fazer essa parte e refletir sobre como eles vinham julgando alguns amigos ou familiares alegando que eles falavam de forma “errada”, e depois dessa atividade, falaram que entenderam que não existe um certo ou um “errado”, e sim que a língua é variável e que cada pessoa tem o seu modo de falar ou se expressar, seja na escrita ou na sala.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho com o fenômeno variável da concordância nominal, desenvolvi dentro das minhas aulas de língua portuguesa e literatura um trabalho com o gênero conto, que me fez sair da escola com a sensação de dever cumprido, pois, por relatos dos próprios alunos, pude perceber também durante as aulas o quanto começaram a se dar conta de que não existe um jeito “certo ou errado” de se falar. Mas que sim, cada um faz uso da língua de um jeito, que em muitas vezes é diferente do nosso.

Por meio deste trabalho, após analisar alguns materiais didáticos e estudar e discutir os conceitos apresentados, pude fazer uma boa relação com o ensino da língua portuguesa dentro da sala de aula. Busquei começar a mudança que espero que tenha no ensino daqui pra frente, que é levar a variação linguística para dentro das salas de aulas.

Os objetivos propostos na Introdução foram todos cumpridos e realizados com muita calma, com tempo e paciência, pois foi um trabalho que levou meses, planejamentos, estudos, leituras e aplicações em sala de aula, e que resultou em algo muito bom e produtivo. Isso mostra a importância do professor ter tempo de estudar e planejar suas aulas adequadamente, algo que observei que nem sempre é possível no dia a dia escolar. As leituras teóricas e a observação dos materiais didáticos me ajudaram bastante a pensar como estava sendo o ensino da concordância nominal e como poderia tentar mudar isso desde agora, durante o meu processo de formação, concluindo o curso e terminando o estágio obrigatório dentro da sala de aula em contato com os alunos.

Os contos produzidos pelos alunos com base na proposta desenvolvida e aplicada durante a construção deste trabalho me mostraram o quanto é importante desenvolver nos alunos essa capacidade de reflexão sobre o uso da língua, mostrando a variação. Pode-se concluir que é possível sim trabalhar a variação linguística de forma sistemática nas aulas de língua portuguesa e literatura, e que esse é um trabalho importante e que ajuda bastante em relação ao combate do preconceito, principalmente o linguístico, que foi o tema central deste trabalho.

5 REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49ª edição, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Tem a sociolinguística efetiva contribuição a dar à educação?* p. 127 - 146. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Variação linguística: um recurso à disposição dos falantes*. p. 57 - 114. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Português brasileiro: a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2021.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Concordância nominal*. p. 57 - 81. In: VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CARDOSO, Caroline Rodrigues; COBUCCI, Paula. *Concordância de número no português brasileiro*. p. 71 - 107. In: BORTONI-RICARDO, Stella M. et al. (Org.). *Por que a escola não ensina gramática assim?* São Paulo: Parábola, 2014.
- CEREJA, William; COCHAR, Tereza. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. 4. ed. rev. São Paulo: Atual, 2013.
- LOPES-ROSSI, M.A. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A; GAYDECZKA, B; BRITO, K. (orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. SP: Parábola Editorial, 2011.
- SIMÕES, Luciene Juliano; SOARES, Simone Mendonça. *Concordância nominal na fala infantil: implicações para a escola*. p. 123 - 144. In: ZILLES, Ana M. S.; FARACO, Carlos A. (Org.). *Pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2015.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas*. In: Edição revista e ampliada. São Paulo: Blucher, 2018. 180p.
- VITRAL, Lorenzo. *Concordância nominal*. p. 195 - 235. In: VITAL, Lorenzo. *Gramática inteligente do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.

APÊNDICE A - PROJETO DE ENSINO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CAMPUS JAGUARÃO/RS

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III - ENSINO MÉDIO

PROJETO DE ENSINO

GÊNERO TEXTUAL: CONTO NA ESCOLA

NOME DO DISCENTE: LETÍCIA NUNES MACIEL

NOME DO DOCENTE ORIENTADOR: IDA MARIA MORALES MARINS

Jaguarão, 7 de janeiro de 2023.

1- INTRODUÇÃO: Este projeto foi solicitado no curso de Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão, pelo componente curricular Estágio Supervisionado III – Ensino Médio, ministrado pela Profa. Dra. Ida Maria Morales Marins. O presente projeto tem como objetivo a elaboração de uma proposta de ensino que será desenvolvida no componente curricular Estágio Supervisionado IV - Ensino Médio. O tema a ser trabalhado será o preconceito linguístico dentro das salas de aulas através do gênero textual conto. Este projeto será aplicado na escola Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, na cidade de Jaguarão/RS, o ano de aplicação deste projeto se voltará para o 1º ano do ensino médio. Tendo em vista o contexto social dos alunos da escola que vivem em bairro periférico da cidade, que é bem carente e com diversas crianças e adolescentes passando por dificuldades ou até mesmo fome. A seguir apresento as partes do projeto que são: justificativa, tema, gênero discursivo, objetivo geral, objetivos específicos, fundamentação teórica, metodologia, cronograma, referências. E por fim um plano semanal contendo: título da oficina/plano, objetivo geral, objetivos específicos, procedimentos, materiais utilizados, avaliação, referências, anexos.

2- JUSTIFICATIVA: O tema do preconceito linguístico trabalhado através do gênero conto, foi escolhido porque tem como finalidade considerando o contexto social dos discentes, por ajudar com que eles consigam compreender melhor sobre conto, e também a diversidade de usos da língua na sociedade. Esse tema é importante porque considerando o contexto pós pandêmico em que estamos vivendo, os alunos estão voltando a ter contato presencial com outros colegas, e para não gerar tantos preconceitos, essa é uma forma de tentar combater o preconceito linguístico dentro das salas de aulas.

3 - TEMA: Preconceito linguístico

4- GÊNERO DISCURSIVO CENTRAL: Conto

5-OBJETIVO GERAL: O objetivo geral deste projeto é desenvolver a capacidade dos alunos em ler, compreender/interpretar e produzir conto, e torna-los mais conscientes sobre as questões relacionados ao preconceito linguístico.

5.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

*Identificar, ler/compreender e interpretar com eficiência conto;

*Produzir conto;

*Analisar e refletir sobre a língua;

*Socializar conto.

6-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Utilizarei neste projeto, a metodologia da sequência didática de Lopes-Rossi (2011), que se apresenta por três módulos. Sendo eles: módulo1: leitura. Neste módulo os alunos fazem leituras sobre o gênero que vão trabalhar para desenvolverem o pensamento criticamente, e também para perceberem os locais de circulação do gênero trabalhado, de que forma foi escrito, qual a linguagem utilizada, entre outras coisas. No módulo 2: produção escrita. Aqui a autora aconselha que os alunos trabalhem em grupo para melhorar a interação e troca de ideias, porém como a ideia é a escrita de um conto, será individual, porém os colegas poderão ler e dar sugestões sobre o conto escrito. Também, nesse módulo, ocorre a revisão e correção a partir do que os alunos produziram. E por último, temos o módulo 3: divulgação ao público. Neste módulo, devemos ter em mente o local de circulação do gênero escolhido e assim escolher o formato que vai se dar a divulgação das escritas dos alunos tendo um público-alvo.

Falando um pouco sobre os gêneros textuais, com base nos PCNs, nota-se que se torna necessário contemplar dentro das atividades de ensino a diversidade de textos e de gêneros que existem, “e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.” (p.23-24). O gênero textual conto tem a função de “transmitir a fantasia, a ficção, levar a pessoa a imaginar algo além da sua realidade, transpor o mundo das ideias, o mundo maravilhoso e alcançar sonhos de criança através da imaginação.”. Nesse projeto, trabalhando com base nos PCNs, o gênero textual conto com base na metodologia de Lopes-Rossi(2011), torna-se necessário que a compreensão oral e escrita dos alunos estejam em movimento, pois com isso a capacidade de compreensão de alguns outros gêneros textuais também podem melhorar.

7- METODOLOGIA: Com base na metodologia de Lopes-Rossi (2011), será proposto no módulo leitura que os alunos leiam sobre o gênero conto, que leiam conto, que observem as partes apresentadas no conto. No módulo da produção escrita irei apresentar uma proposta de escrita em que eles deverão escrever um conto em que eles sejam os personagens e nesse conto precisa ter dialogo e tem que ter falas de acordo com o modo que cada aluno fala, com isso os alunos vão produzir a escrita da primeira versão, terá a parte de correção e a de escrita final. E no último módulo pretendo fazer uma divulgação ao público com um caderno de leitura com os contos produzidos pelos alunos.

8- CRONOGRAMA:

Maio de 2023	Primeiro módulo
--------------	-----------------

Maio de 2023	Segundo módulo
Maio/Junho de 2023	Terceiro módulo

9- REFERÊNCIAS:

LOPES-ROSSI, M.A. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A; GAYDECZKA, B; BRITO, K. (orgs). Gêneros textuais: reflexões e ensino. SP: Parábola Editorial, 2011.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

https://www.google.com/search?q=qual+a+fun%C3%A7%C3%A3o+social+do+genero+textual+contos&sxsrf=AJOqlzWtzNhj2OWIHpabO2SBusm9FWjilQ%3A1674516526305&ei=LhjPY6KeEuW85OUP4NSAyA0&ved=0ahUKEwii7eGV7N78AhVIHrkGHWAqANkQ4dUDCA8&uact=5&oq=qal+a+fun%C3%A7%C3%A3o+social+do+genero+textual+contos&gs_lcp=Cgxnd3Mtd2l6LXNlcnAQAzoKCAAQRxDWBBCwA0oECEEYAEoECEYYAFDhCFjXLGCXMGgBcAB4AIA BnQGIAasbkgEEMC4yNpgBAKABAcgBCMABAQ&scient=gws-wiz-serp

APÊNDICE B - PLANOS DE ENSINO

Plano 1: De 03/05/2023 – 2h/aula

Título da Oficina/Plano: Exposição dos conhecimentos prévios

Objetivo Geral: Desenvolver a capacidade dos alunos de observação dos seus conhecimentos prévios.

Objetivos específicos:

*Expor os conhecimentos prévios sobre o gênero conto e sobre o tema do preconceito linguístico;

*Realizar debate em relação aos conhecimentos prévios.

Procedimentos: No primeiro momento da aula será a apresentação da estagiária e dos alunos para melhor se conhecerem, após será o momento de solicitar a exposição dos conhecimentos prévios sobre o gênero conto e sobre o tema do preconceito linguístico, com questões apresentadas no anexo 1, que serão colocados no quadro pela estagiária e os alunos terão que copiar e responder no caderno, pois essas questões vão ser utilizadas depois em debate na sala de aula. Após os alunos responderem as questões a estagiária irá olhar os cadernos para verificar as respostas dadas pelos alunos.

Materiais utilizados: Quadro e giz para a escrita das questões pela estagiária, caderno dos alunos para escrita das mesmas questões.

Avaliação: A avaliação será diagnóstica sobre o conhecimento prévio dos alunos e formativa que será através da observação do nível de participação e compreensão dos alunos durante as aulas.

Referências:

Anexos:

Anexo 1 – perguntas sobre os conhecimentos prévios dos alunos: (serão passadas no quadro pela estagiária e os alunos vão copiar e responder no caderno)

1-Sabem o que é um conto?

- 2-Se souberem, me deem exemplos do que são contos?
- 3-Sabem para que se utilizada os contos?
- 4-Sabem por onde circulam os contos?
- 5-Quantos tipos de contos vocês acham que existem? Cite alguns se souber.
- 6-Já escreveram algum conto? Se sim, me fale um pouco de como foi a sua experiência.
- 7-E sobre o preconceito linguístico, sabem o que é? Já escutaram falar sobre?
- 8-Vocês acham que praticam preconceito linguístico com os colegas na sala de aula? Explique.
- 9-O que vocês acham que o gênero conto tem a ver com o preconceito linguístico? Explique.
- 10-Porque vocês acham que vou trabalhar o gênero conto com vocês?
- 11-E porque vocês acham que eu trouxe o tema do preconceito linguístico para tratar nas aulas de português com vocês?
- 12- Vocês costumam ler? Se sim, com que frequência? E quais tipos de leituras?

Plano 2: De 17/05/2023 à 19/05/2023 – 3h/aula

Título da Oficina/Plano: Leitura de conto popular

Objetivo Geral: Desenvolver a capacidade de leitura e compreensão dos alunos sobre conto.

Objetivos específicos:

*Ler e compreender conto;

*Responder a questões referentes ao gênero conto e ao tema do preconceito linguístico;

*Realizar debate em relação as perguntas sobre o gênero conto.

Procedimentos: No primeiro momento da aula a estagiária irá terminar de olhar os cadernos, após será realizado o debate em relação as questões dos

conhecimentos prévios dos alunos do plano 1. Após será apresentado o anexo 1 com um exemplo de conto (popular), no qual os alunos irão ler silenciosamente e depois a estagiária irá ler junto com eles, os alunos irão observar as características presentes e serão feitas algumas perguntas que estão no anexo 2, essas questões serão passadas no quadro pela estagiária e os alunos terão que copiar e responder no caderno, após terá o momento de debate em relação as perguntas que os alunos responderam no caderno.

Materiais utilizados: Distribuição de folhas de ofício com um exemplo de conto, quadro e giz para a escrita de algumas questões pela estagiária, caderno dos alunos para escrita de algumas questões.

Avaliação: A avaliação será diagnóstica e formativa, através da observação do nível de participação e compreensão dos alunos durante as aulas.

Referências:

FALERO, José (1987-) Vila Sapo: contos (José Falero.-1.ed.-São Paulo: Todavia, 2022.

Anexos:

Anexo 1 – exemplo de conto (popular) (será levado impresso para os alunos)

Conto popular: “Aconteceu amor” do autor José Falero

VILA SAPO (PORTUGUESE EDITION)

Aconteceu amor

Mal pude acreditar quando fiquei sabendo que no posto de saúde davam camisinhas de graça. Parecia bom demais pra ser verdade!

E era.

Depois de perguntar o que eu desejava e ouvir a minha resposta com toda a atenção, aquela mulher diabólica que me atendeu teve o desplante de gargalhar bem na minha cara. O que ela queria, tenho certeza, era que eu me sentisse envergonhado no meio de toda aquela gente que tava ali. Ah!, só que ela não me conhecia! Se os escândalos que a minha família costumava dar nos finais de semana pra entre-

ter a vizinhança serviram de alguma coisa, foi justamente pra que eu não ficasse encabulado por qualquer coisinha.

— Mas, ué! Ceis não dão camisinha de graça? Pois tô pedindo! Cadê?

— Era só o que me faltava! Não vou te dar é nada!

— Ora! E por que não?

— Porque camisinha não é balão. Agora vai, te manda daqui. Te manda, que tenho mais o que fazer.

Não me dei por vencido. Continuei insistindo. E eu teria insistido mais e mais, até ela me dar as benditas camisinhas! Só não fiz isso porque o segurança do posto não deixou. Ele apareceu e me tirou dali pendurado pelo cangote, do mesmo jeito que se faz com um filhote de cachorro indesejado.

— Ah, tira as mão de mim, me larga, me solta, tu não é meu pai, imundície!

VILA SAPO (PORTUGUESE EDITION)

Gritei e esperneei sem parar, mas não adiantou nada. O infeliz só foi me largar lá fora, na calçada, e ainda por cima me deu um chute na bunda.

— Vai, vai, vai, anda, anda, te some!

— Tu vai ver só! Vou mandar a minha mãe vim aqui sentar a mão na tua cara! Ela vai te encher de bolacha, tu vai ver só!

Voltei pra vila Sapo engolindo a vontade de chorar. E a vontade de chorar não era por causa da dor na bunda, mas por causa do aperto no peito. Eu tinha prometido pra Marcinha que ia dar um jeito de arranjar as camisinhas; com que cara agora eu ia dizer pra ela que, no lugar das camisinhas, eu tinha ganhado um belo dum pontapé? Não! Eu não podia desistir! Eu precisava arranjar as camisinhas de alguma forma! Fui pra casa tentar pensar em alguma coisa.

Eu tinha ouvido falar, uma vez, que cabeça vazia era oficina do diabo. Mas, na verdade, na verdade *mesmo*, a oficina do diabo era a minha própria casa, quando o meu pai e a minha mãe não tavam por lá. E digo mais: o diabo era eu.

Deitado na minha cama, os braços cruzados atrás da cabeça, fiquei tentando imaginar uma solução pro meu problema. Logo cheguei à conclusão de que tudo o que eu podia fazer era apelar pro desejo de lucro do dono da farmácia. Por mais criança que eu fosse, ele não ia se negar a me vender algumas camisinhas: dinheiro é dinheiro. Mas essa ideia me trouxe um outro problema: onde eu ia arranjar o bendito dinheiro?

Foi nesse momento que me senti mais agradecido do que nunca por estar sozinho em casa. Devia ter algum dinheiro guardado por ali, em algum lugar: era só questão de procurar. Quando o meu pai e a minha mãe voltas-

VILA SAPO (PORTUGUESE EDITION)

sem do trabalho, iam perceber a quantia desaparecida, é claro, e iam saber que fui eu que peguei, é claro, e iam me dar a maior surra, é claro. Mas eu preferia isso do que falhar com a Marcinha.

Vasculhei todas as gavetas da sala sem encontrar nada. Deixei pra ir procurar no quarto dos meus pais só como última alternativa, porque eu sabia que pegar dinheiro *de lá* seria um agravante no meu crime.

Não achei dinheiro no quarto dos meus pais. Achei foi coisa melhor! Bastou eu abrir a porta do roupeiro e pronto: dei de cara com várias e várias cartelas de camisinha! Era tanta camisinha que eu tive certeza que os meus pais não iam nem mesmo dar falta das quatro que eu peguei pra usar com a Marcinha.

Fui pra casa da minha amada com o coração em chamas. Parei no portão e chamei. Na verdade, eu *cantei* o nome dela:

— Marcinhaaaaaa...

Cantei, sabe? Usei aquela melodia de suspense, aquela universal, aquela que todo mundo usa quando tá procurando alguém. Tornei a cantar, um pouco mais alto:

— Marcinhaaaaaa...

Ela apareceu. Deus do céu, como ela era bonita! Toda vez que eu botava os olhos nela, era uma surpresa. Ela se mostrava sempre mais bonita do que eu conseguia lembrar. Acho que era boniteza demais pra caber tudo na minha memória. Que sorte, a minha, um anjo daqueles gostar de mim!

— Oi, Ronaldo!

— Oi! Adivinha só!

— O quê? Conseguiu as camisinhas?

Fiz que sim com a cabeça, enquanto a Marcinha se aproximava de mim, no portão. Aí, de repente, o sorriso que ela trazia no rosto sumiu. Eu percebi que ela tava insegura. Pres-

VILA SAPO (PORTUGUESE EDITION)

senti que tava prestes a me dizer que tinha desistido de tudo.

— O que foi, Marcinha?

— Não sei se é uma boa ideia — ela murmurou, abrindo o portão.

Eu peguei nas mãos dela. Ela baixou a cabeça. Eu também baixei um pouco a cabeça, tentando olhar nos olhos dela. Ela voltou a levantar a cabeça, pra ficar mais fácil de a gente se olhar nos olhos. Aí eu fiquei encarando ela um tempo, em silêncio. Depois, eu disse:

— Confia em mim.

O sorriso dela apareceu de novo.

— Tá bom. Eu confio. Vamos fazer.

Três da tarde daquele mesmo dia. Um sol de rachar. A vila Sapo deserta. Eu e a Marcinha escondidos atrás do muro da praça. Vindo do Centro, o ônibus desceu a Guaíba, reduzindo a velocidade, e parou bem na frente da praça, pra desembarcar alguém. Todas as jane-

las do ônibus tavam escancaradas, por causa do calor. Eu e a Marcinha saltamos de trás do muro. Nós dois estávamos armados. Armados com uma camisinha cheia d'água em cada mão. Era hora de se divertir.

O primeiro tiro fui eu que dei. Joguei uma das minhas camisinhas no para-brisa do ônibus, bem na frente do motorista, pra ele tomar um susto e ficar sem saber o que fazer. Gastei a minha primeira bomba assim por estratégia: eu queria atrasar a saída do ônibus. Funcionou. O motorista botou a cara pela brecha da janelinha pra ficar me xingando. Eu até pensei em tentar acertar a minha segunda bomba na cara dele, mas resisti a essa tentação, porque aquela janelinha era muito pequenininha, ia ser difícil eu conseguir acertar a cara dele. Enquanto isso, a Marcinha tentou acertar lá dentro do ônibus, jogando uma das camisinhas dela numa das janelas dos passageiros. Foi um

VILA SAPO (PORTUGUESE EDITION)

bom tiro, mas faltou um pouco de sorte: a bomba bateu na borda da janela, explodindo antes da hora. De qualquer forma, não foi um desperdício total: respingou um pouco de água lá pra dentro, molhando a tia que tava sentada naquela janela, e a tia ficou louca!

Os passageiros perceberam que tavam sob ataque e ficaram tentando fechar as janelas, desesperados. Foi tudo em vão. Qualquer um sabe que é impossível fechar as janelas dos ônibus. Eu e a Marcinha jogamos cada qual sua última camisinha praticamente ao mesmo tempo. Foi lindo de ver. Pra mim, pareceu que foi tudo em câmera lenta. As duas bombas entraram uma atrás da outra pela mesma janela. A primeira atingiu em cheio um cara bigodudo que tava de pé; a segunda pegou num daqueles ferros que servem pros passageiros se segurarem, explodindo e espalhando água pra todo lado, molhando todo mundo!

Lá dentro do ônibus, os passageiros gritavam e gritavam todos ao mesmo tempo, indignados; do lado de fora, a gente se acabava de tanto rir.

Mas no momento seguinte, bateu o medo. O ônibus foi embora e aí a gente percebeu que o cara bigodudo que tinha sido atingido em cheio por uma das bombas desembarcou ali, só pra tentar nos pegar! A gente correu pro fundo da praça. E ele, encharcado e botando fogo pelas ventas, veio correndo atrás.

— Pera aí! Ah!, ceis vão ver só!

Lá no fundo da praça, eu ajudei a Marcinha a pular a cerca, e depois pulei também. Agora a gente tava dentro do valão — a grande vala de esgoto a céu aberto que tinha atrás da praça. A água escura, fedorenta e cheia de cocô passava lambendo os nossos pés descalços. O bigodudo com certeza não ia se dar ao trabalho de pular a cerca e vir atrás da gente. Mas, mesmo assim,

VILA SAPO (PORTUGUESE EDITION)

a gente ainda não tava a salvo. Lá do outro lado da cerca, o infeliz já olhava ao redor, procurando alguma coisa pra jogar em nós.

— Vem, vem, vem! — eu disse, pegando na mão da Marcinha e levando ela comigo.

A gente se abaixou bem abaixadinho e foi indo por baixo das moitas, costeando o paredão vertical do valão. Agora o bigodudo já não podia mais ver a gente, muito menos jogar qualquer coisa em nós.

A Marcinha era muito esperta. Olhando pro chão e vendo que já tinha algumas pegadas no nosso caminho, ela comentou, meio assustada:

— Tem gente que passa por aqui, Ronaldo!

— É, eu sei.

Um pouco mais adiante, testemunhei com prazer toda a surpresa que surgiu no rosto dela. Ela parecia que não acreditava no que tava vendo. Agora a gente já tava de pé. Ali, na-

quele lugarzinho escondidinho, dava pra ficar de pé muito bem, porque já fazia tempo que eu e os meus amigos tínhamos podado o teto feito de folhas e galhos emaranhados, antes muito baixo. Além disso, agora a gente tinha espaço ao nosso redor, porque já fazia tempo que eu e os meus amigos tínhamos escavado o paredão vertical do valão, criando aquela sala que tinha levado vários meses pra ficar pronta.

— Bem-vinda ao Clube, Marcinha.

A Marcinha tava com a boca escancarada, e com os olhos cravados nos bancos.

— Meu Deus! Então foi isso que aconteceu aquela vez, quando a praça amanheceu sem os bancos e ninguém sabia onde tinham ido parar!

— Pois é.

— Foi tu que fez isso aqui, Ronaldo?

VILA SAPO (PORTUGUESE EDITION)

— Eu e os guri. E eles não podem *nem sonhar* que eu te trouxe aqui, então, por favor, nunca conta *pra ninguém* sobre esse lugar. Tá bom?

Ela fez que sim com a cabeça e se sentou num dos bancos. Depois, apontou pros vestígios do fogo e perguntou:

— Que é isso?

— A gente assa passarinho e preá aqui.

— Pra quê?

— Pra comer, ora!

Me arrependi de falar sobre isso. Ela ficou horrorizada.

— Ai, meu Deus, que nojo!

Eu ri, todo sem jeito. E, no momento seguinte, tomei um susto. Acho que foi o maior susto da minha vida. Tinha uma enorme дума cobra bem do meu lado, se preparando pra atacar. Foi só o tempo de eu dar um pulo lá pro lado da Marcinha e o bicho deu o bote, errando a minha canela por um osso de grilo.

Não sou nenhum covarde; só que, por alguma razão, sempre tive muito medo de cobras. Aranhas e escorpiões nunca me assustaram, por maiores que fossem, mas as cobras me deixavam em pânico.

Abracei a Marcinha, tentando ficar na frente dela. Eu precisava proteger a minha amada, nem que pra isso eu tivesse que levar uma picada de cobra por ela. E o pior era que devia ser uma cobra venenosa. Pelo que eu sabia, só as cobras verdes não tinham veneno. Mas aquela não era verde. Aquela era marrom! Aquela era marrom, grande e terrível! E tava vindo pro nosso lado!

Me surpreendi quando a Marcinha saiu dos meus braços, dispensando a minha proteção. E me surpreendi ainda mais com tudo o que ela fez em seguida. Primeiro, ela deu um pulo, esticando a mão pra cima, e assim arrancou um galho fininho do teto do Clube. Depois,

VILA SAPO (PORTUGUESE EDITION)

deu um passo pra frente e se abaixou, ficando cara a cara com a cobra. Aí, esticou o galho e ficou mexendo prum lado e pro outro, bem na frente daquele bicho dos infernos, provocando o bicho, atiçando o bicho, até que o bicho deu o bote e mordeu o galho! Foi nessa hora que a Marcinha puxou o galho pra cima, fazendo a cobra ficar pendurada. E como se tudo isso já não tivesse sido a maior demonstração de coragem já testemunhada por mim, ela ainda pegou o bicho pelo rabo e atirou longe, dentro da água do valão, com galho e tudo.

— Pronto! — disse a Marcinha, limpando as mãos uma na outra, como se não tivesse feito nada de mais.

Depois de me salvar da morte certa, a minha amada se sentou do meu lado e ficou me olhando, com um sorriso que me fazia arder por dentro de tão lindo e de tão mágico. Eu simplesmente não sabia o que dizer. Por sorte,

não precisei dizer nada. Ela botou a mão na minha bochecha, se inclinou pra cima de mim e me beijou.

Era o meu primeiro beijo.

Anexo 2 – perguntas sobre o exemplo de conto acima (serão passadas no quadro pela estagiária e os alunos vão copiar e responder no caderno)

1-Do que trata o conto?

2-Qual o tipo de linguagem é apresentada nesse conto? Formal ou informal? Explique.

3-O conto é de fácil compreensão? Explique.

4-Notaram alguma coisa diferente no conto em relação ao modo como vocês costumam falar?

5-Já tinham lido algum conto parecido como esse? Se sim, qual?

6-Observem as falas dos personagens. É comum esse tipo de fala nos locais em que vocês frequentam?

7-Porque vocês acham que o personagem fala desse jeito? Explique.

8-Conhecem alguém que utiliza o mesmo jeito de fala do personagem do conto?

9-O jeito que o personagem fala é “errado”? Explique.

Plano 3: De 22/05/2023 à 26/05/2023 – 6h/aula

Título da oficina: Leitura e compreensão dos conceitos do gênero conto e do tema do preconceito linguístico, e análise linguística de conto.

Objetivo Geral: Desenvolver a capacidade dos alunos em ler e compreender as características sobre o gênero conto e do tema do preconceito linguístico. E desenvolver a capacidade de análise linguística de conto dos alunos.

Objetivos específicos:

*Realizar debate em relação as questões sobre o gênero conto, preconceito linguístico e a diversidade da língua;

*Realizar leitura sobre o gênero conto e sobre o tema do preconceito linguístico;

*Analisar linguisticamente conto;

*Responder questões referentes a concordância nominal e ao preconceito linguístico;

*Montar mapa mental sobre o texto do gênero conto.

Procedimentos: No primeiro momento da aula será a realização do debate em relação as questões sobre o gênero conto que foram passadas no plano 2. Após será apresentado o anexo 1 com o texto que apresenta o conceito e as características do gênero conto, que será lido e discutido com os alunos, e terão sempre espaço para tirar dúvidas com a estagiária para melhor compreender o gênero conto, desse mesmo texto, após a leitura foi feito um mapa mental junto com os alunos, para selecionar as ideias chaves (esse trabalho só pode ser realizado porque os alunos já tinham conhecimento do que era mapa mental e também foi uma sugestão da professora titular da turma). Após será apresentado o anexo 2 com o texto que apresenta questões básicas sobre o tema do preconceito linguístico, a estagiária irá propor que façam uma leitura compartilhada do texto, e ao longo da leitura serão feitas pausas para explicar cada parte do texto para os alunos, sempre abrindo espaço para retirada de dúvidas e questões levantadas pelos discentes. A estagiária terá como objetivo tentar mostrar através do exemplo do conto já apresentado no plano 2 aos alunos, como se constrói um conto, o que precisa conter e entre outras coisas, além de mostrar algumas questões referentes ao preconceito linguístico no conto. Após terá um momento de debate com os alunos em relação a todas as questões trabalhadas ao longo da semana sobre o gênero conto e sobre o tema do preconceito linguístico, já fazendo uma relação entre os dois assuntos para que os alunos entendam a proposta deste projeto. Com esse debate vão observar o que responderam nas questões passadas em aula nos planos 1 e 2, e no que contem nos textos apresentados sobre os assuntos trabalhados, para verificarem se responderam parecido com o que é apresentado como o conceito do gênero conto e do tema do preconceito linguístico trabalhado na sala de aula. Após será o momento para trabalhar em cima do conto do plano 2: “Aconteceu amor” do autor José Falero, com base nesse conto, a estagiária selecionou frases para trabalhar a questão da análise linguística do conto, essas frases estão no anexo 3, serão colocadas no quadro apenas as frases, e serão analisadas pelos alunos com a ajuda da estagiária que vai ir guiando essa questão da análise linguística, além disso será solicitado que os alunos copiem essas frases nos seus cadernos, para que possam voltar nelas caso seja preciso mais adiante. Após esse momento a estagiária irá apresentar o anexo 4, com um material em que fala um pouco sobre a Vila Sapo que é o local onde se passa o conto e levará também imagens para ilustrar o local, esse material serve para contextualizar as falas do personagem do conto. Após a estagiária irá fazer algumas perguntas oralmente sobre algumas questões relacionadas ao conto e a língua, essas questões estão no anexo 5, e vão servir para guiar o debate com os alunos.

Materiais utilizados: Distribuição de folhas de ofício com o texto sobre o gênero conto e sobre o tema do preconceito linguístico, quadro e giz e caderno dos alunos.

Avaliação: A avaliação será diagnóstica e formativa através da observação do nível de participação e compreensão dos alunos durante as aulas.

Referências:

<https://www.portugues.com.br/literatura/o-conto-suas-demarcacoes-.html>

<https://brasilecola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>

FALERO, José (1987-) Vila Sapo: contos (José Falero.-1.ed. – São Paulo: Todavia, 2022.

<https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>

VITAL, Lorenzo. Gramática inteligente do português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2017.

Anexos:

Anexo 1 – Texto sobre o gênero conto (será levado impresso para os alunos)

CONTO

O conto é um gênero literário que possui narrativa curta e tem sua origem da necessidade humana de contar e ouvir histórias. Passa por narrativas orais de povos antigos, trilhando pelos gregos e romanos, pelas lendas orientais, parábolas bíblicas, novelas medievais, até chegar a nós como é conhecido hoje.

Há vários tipos de contos: realistas, populares, fantásticos, de terror, de humor, infantis, psicológicos, de fadas.

A estrutura do conto é formada por: situação inicial, desenvolvimento e situação final. Essa divisão é parte importante para composição do enredo. Dessa forma, na construção do conto, ocorrem os elementos da narrativa, que são: foco narrativo, espaço, tempo e verossimilhança. Devido à necessidade de contextualizar a narrativa, o conto sofreu diversas transformações ao longo da história, originando tipos:

*conto de ficção científica: caracterizado por possuir elementos que não fazem parte de uma realidade comum. Seu enredo é construído com base em percepções científicas e tecnológicas.

*conto infantil juvenil: narrativa destinada a crianças e adolescentes. Possui linguagem mais simples e elementos que fazem parte do mundo do seu público-alvo.

*conto fantástico: construído com personagens e narrativas impossíveis na realidade, é inspirado em narrativas clássicas.

*conto de fadas: caracterizado por iniciar com a expressão “Era uma vez...” e apresentar alguma maldade feita por alguém, costuma ter desfecho favorável aos personagens, podendo ou não ter interferência de seres encantador (fadas, bruxas, duendes).

ESTRUTURA DO CONTO

Ao escrever um conto, é necessário observar sua estrutura e as partes que compõem o enredo. Enredo também é conhecido como trama ou intriga e tem a função de dar sequência à narrativa e localizar o leitor em relação à sucessão de acontecimentos, dando ênfase à causalidade.

Exemplo: O príncipe morreu, e a princesa, de tristeza, foi viver sozinha numa velha cidade longe do castelo.

Perceba a ocorrência de uma sequência temporal e a ênfase que se dá à sequência de acontecimentos, dando ao leitor a percepção de como a princesa sentiu-se diante da morte do príncipe. Dessa forma, o leitor fica na expectativa do que virá depois na narrativa. Essa construção que conduz o leitor à imaginação e ao estabelecimento de novos sentidos no texto é que constitui o enredo.

O conto é composto como já dito acima por:

*Situação inicial: evidencia a situação que dará início à narrativa, apresentando os personagens, o tempo e o espaço descrevendo-os. Trata-se de um trecho essencial para localizar e captar a atenção do leitor. Na introdução também se apresenta a situação inicial, que será desenvolvida ao longo do texto por meio do conflito, clímax e desfecho.

*Desenvolvimento: é nesse momento que surge a quebra do aspecto predominantemente descritivo e o conflito começa a ser percebido pelo leitor. Esse conflito resultará no clímax, o momento de maior tensão da narrativa.

*Situação final: é o momento de desfecho do conto, quando o conflito é resolvido, resultando na quebra ou confirmação de uma expectativa. Nesse

trecho, o conflito passou e os personagens são inseridos em uma nova situação.

ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA UMA BOA ESTRUTURAÇÃO DA NARRATIVA DO CONTO LITÉRARIO

*Conflito: trata-se do momento em que ocorre uma oposição entre os elementos da narrativa, resultando em uma tensão que organiza os fatos. O conflito instiga o leitor em relação à narrativa.

*Clímax: é quando a narrativa alcança a tensão máxima. É o ponto culminante do conflito. Trata-se também de uma técnica muito utilizada para despertar a curiosidade do leitor.

*Desfecho: trata-se da situação final, ou seja, a solução do conflito.

ELEMENTOS DA NARRATIVA

Apesar de o conto ser uma narrativa curta, esse gênero apresenta elementos como foco narrativo, espaço, tempo e verossimilhança.

FOCO NARRATIVO: É a posição que o narrador assume para relatar os acontecimentos. O conto pode ser narrado em 1ª pessoa ou 3ª pessoa.

*Narrador em 1ª pessoa: trata-se do narrador personagem. Com esse foco narrativo, o conto ganha mais subjetividade, pois o narrador está emocionalmente envolvido na narrativa.

*Narrador em 3ª pessoa: o narrador não participa ativamente dos acontecimentos, com isso, a narrativa ganha mais objetividade. Nesse foco narrativo, o narrador pode ser onisciente ou observador.

*Narrador onisciente: é o narrador que conhece profundamente a história e relata inclusive, os pensamentos dos personagens.

*Narrador observador: não está a par de toda a história e relata apenas os fatos que vão acontecendo. Esse narrador não faz antecipações nem intervenções no relato da história.

ESPAÇO: Trata-se da composição espacial da narrativa em que ocorre a ação do enredo, espaço onde os personagens movimentam-se. Normalmente, o espaço é apresentado por meio de recursos descritivos que caracterizam o lugar. Esse elemento da narrativa pode ocupar dois níveis: espaço físico (também conhecido como geográfico), e espaço social.

*Espaço físico: é literalmente o espaço físico em que ocorre a narrativa. O

espaço pode ser descrito detalhadamente ou suas características podem ser evidenciadas ao longo do texto.

*Espaço social: é o espaço que condiz com as condições socioeconômicas, morais ou psicológicas dos personagens. Esses espaços podem determinar a vida dos personagens ou servir apenas de parte da composição da narrativa. Dessa forma, um espaço descrito como macabro, por exemplo, pode referir-se à tristeza do personagem, a uma lembrança de morte etc.

TEMPO: O tempo compõe as marcas cronológicas na narrativa, expressas por meio de construções como dia, mês, ano, estações do tempo etc. Também pode ocorrer por meio de marcas psicológicas do personagem ou narrador. Esse elemento da narrativa possui três níveis: tempo cronológico, tempo psicológico e a técnica do flashback.

*Tempo cronológico: o tempo transcorre de forma linear em relação aos fatos, do começo para o final. Trata-se de um tempo que pode ser medido em horas, meses, anos, séculos.

*Tempo psicológico: é o tempo “interior”, aquele que ocorre com base na imaginação ou memória do narrador ou personagem e é marcado pelas sensações experimentadas por ele em relação a um determinado momento. Não é linear, pois os acontecimentos não ocorrem de forma natural.

*A técnica do flashback: trata-se de uma marca que consiste em voltar no tempo em relação ao que está sendo narrado. Ocorre quando o personagem ou narrador relembra um fato ou compartilha esses acontecimentos lembrados.

VEROSSIMILHANÇA: possui o significado daquilo que é “provável”, ou seja, um universo possível de ser realizado dentro de uma narrativa ficcional, dando ao leitor a ideia de que tais acontecimentos são perfeitamente possíveis no mundo real.

Anexo 2 - Texto sobre o tema do preconceito linguístico (será levado impresso para os alunos)

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico é, segundo o professor, linguista e filólogo Marcos Bagno, todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional

de qualidade deficitária.

CAUSAS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Segundo Bagno, na obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* (1999), o preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Além disso, está intimamente ligado a outros preconceitos também muito presentes na sociedade, como:

*Preconceito socioeconômico: Entre todas as causas, talvez seja a mais comum e a que traga conseqüências mais graves. Isso se deve ao fato de membros das classes mais pobres, pelo acesso limitado à educação e cultura, geralmente, dominarem apenas as variedades linguísticas mais informais e de menor prestígio. Assim, são excluídos principalmente dos melhores postos no mercado profissional, e cria-se a chamada ciclicidade da pobreza: o pai pobre e sem acesso à escola de qualidade dificilmente oferecerá ao filho oportunidades (pela falta de condição), e este, provavelmente, terá o destino daquele.

*Preconceito regional: Junto ao socioeconômico, é uma das principais causas do preconceito linguístico. São comuns casos de indivíduos que ocupam as regiões mais ricas do país manifestarem algum tipo de aversão ao sotaque ou aos regionalismos típicos de áreas mais pobres.

*Preconceito cultural: No Brasil, há uma forte aversão por parte da elite intelectual à cultura de massa e às variedades linguísticas por ela usadas. Isso fica evidente, por exemplo, na música. Por muito tempo, o sertanejo e o rap foram segregados no cenário cultural por serem oriundos de classes menos favorecidas (muitas vezes, sem acesso à educação formal) e que se utilizam de uma linguagem bastante informal (a fala do “caipira” ou de um membro de uma comunidade em um grande centro, por exemplo). É muito importante destacar que ambos são estilos musicais extremamente ricos e são parte importantíssima da identidade cultural de milhões de pessoas.

*Racismo: Infelizmente, no Brasil, elementos da cultura negra ainda são segregados por uma parcela da população. Isso se reflete na linguagem, por exemplo, no significado de palavras de origem africana, como “macumba”, que, no Brasil, é ligada a satanismo ou feitiçaria, mas, na verdade, é um instrumento de percussão usado em cerimônias religiosas de origem africana.

*Homofobia: É comum que gírias ou expressões sejam rotuladas como específicas da comunidade LGBT e, conseqüentemente, repudiadas por aqueles que possuem aversão a esse grupo social. Basta se lembrar da polêmica em torno de uma questão da prova do Enem de 2018 que versava

sobre o pajubá (dialeto criado pela comunidade LGBT).

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO BRASIL

No Brasil, o preconceito linguístico é muito perceptível em dois âmbitos: no regional e no socioeconômico.

No primeiro caso, é comum que os agentes estejam nos grandes centros populacionais, os quais monopolizam cultura, mídia e economia, como Sudeste e Sul. As vítimas, por sua vez, normalmente, estão nas regiões consideradas pelos algozes como mais pobres ou atrasadas culturalmente (como Nordeste, Norte e Centro-Oeste). Rótulos como o de “nordestino analfabeto” ou de “goiano caipira”, infelizmente, ainda estão presentes no pensamento e no discurso de muitos brasileiros.

No segundo caso, o preconceito linguístico dirige-se da elite econômica para as classes mais pobres. Segundo o professor Bagno, muitos usam a língua como ferramenta de dominação, visto que o desconhecimento da norma-padrão, de acordo com essas pessoas, representaria um baixo nível de qualificação profissional. Por essa razão, muitas pessoas permanecem nos subempregos e com péssima remuneração. Resumindo, o preconceito linguístico é um dos pilares de manutenção da divisão de classes no Brasil.

Anexo 3 - (frases retiradas do conto, apenas as frases serão colocadas no quadro)

Frases com problema de concordância nominal: (falas do Ronaldo)

*Tira as mão de mim.

*Eu e os guri.

Frases com concordância nominal padrão: (Falas da Marcinha)

*Conseguiu as camisinhas.

*A praça amanheceu sem os bancos.

Frases com alguns outros problemas na escrita: concordância verbal, oralidade, pronúncia:

*Ceis não dão camisinha?

*Tu não é meu pai.

*Vou mandar a minha mãe vim aqui.

*Tu vai ver só.

*Foi tu que fez isso aqui.

Anexo 4 - (Texto e imagens sobre a Vila Sapo)

Revista Opera: Como foi a sua infância? Fale um pouco sobre o lugar de onde você vem.

José Falero: Fui criado quase que a vida toda na Lomba do Pinheiro, que é um bairro periférico de Porto Alegre, localizado na extremidade da zona leste. É uma periferia urbana, mas com ares rurais, tá ligado? Tu está andando na rua e vê mato, vê cavalo, vê galinha solta. Criança, eu andava por tudo lá: cresci subindo em árvore, correndo, brincando livre. Eu passava o dia na rua com outros guris, os adultos não controlavam a gente. Apesar de muito pobre, tive uma infância bem boa até me mudar para a Cidade Baixa, que é um bairro de classe média. Meu pai era porteiro e foi promovido a zelador, então tinha que morar no serviço. Aí ele levou a família. Eu tinha uns cinco anos, fiquei lá até os dez, que foi quando minha mãe se separou do meu pai e voltou comigo e com minha irmã para o Pinheiro. Desde então estou aqui.

Revista Opera: Como você avalia a breve experiência como morador de um bairro de classe média? Isso fez alguma diferença em sua forma de ver o mundo?

José Falero: Foi uma experiência muito rica ter conhecido esses dois mundos. Na Lomba do Pinheiro eu tinha total liberdade, mas vivia numa casinha fodida, feita com retalhos de madeira, que só tinha duas peças: uma que podemos chamar de cozinha — porque era onde ficava o fogão — e outra que era o quarto onde dormia todo mundo embolado: eu, meus pais e

minha irmã. O banheiro ficava do lado de fora e era compartilhado com quatro famílias vizinhas. Eram 16 pessoas usando a mesma privada, o mesmo cano de chuveiro, o mesmo resto de sabão. A gente se lavava com aquele sabão grosso, amarelo, que se usa pra lavar roupa, tá ligado? Tu passava aquilo no rosto depois que outra pessoa tinha passado no saco. Era tudo muito precário. Mas na Cidade Baixa era outra parada. Assim que cheguei, tive um choque: “Bah, olha esse lugar, olha essas ruas, olha esses carros...” Eu nunca imaginei que pudesse haver um lugar como aquele, com ruas asfaltadas e limpas, sem restos de lixo jogados no chão, sem esgoto correndo a céu aberto... Por outro lado, foi ruim porque eu não tinha amigos. Eu era o filho do empregado e as crianças ricas não me chamavam pra brincar. E também não tinha como ficar na rua porque era perigoso, tinha muito trânsito, pessoas estranhas... Então, foi um período em que passei muito tempo sozinho, trancado no apartamento o dia todo, saindo apenas para ir à escola. Mas foi uma experiência rica por conta do contraste. Quando voltei pro Pinheiro, voltei sabendo que existiam duas cidades. Foi aí que começou a brotar em mim alguns questionamentos, tipo “por que é que a gente tem que viver nessa precariedade se há outra forma de vida?” Meu senso crítico foi aguçado por isso. O contraste forjou a minha visão de mundo.

IMAGENS DA VILA SAPO:



Anexo 5 - (perguntas orais)

Perguntas para fazer oralmente aos alunos:

1-Quando vocês começaram a ler o conto, qual idade vocês acharam que os personagens tinham? (Ronaldo e Marcinha)

2-E quando vocês terminaram de ler o conto, qual idade vocês acharam que

os personagens tinham? (Ronaldo e Marcinha)

3-Os dois personagens moram no mesmo lugar?

4-Os dois personagens estudam no mesmo lugar?

5-Porque ele fala “errado”?

6-O que seria falar o certo?

7-Vocês falam assim igual ao Ronaldo?

8-Se sim, então vocês falam “errado”?

Plano 4: De 29/05/2023 à 02/06/2023 – 6h/aula

Título da oficina/plano: Análise e reflexão sobre conto.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade dos alunos de analisar aspectos linguísticos no gênero conto, e de reflexão sobre o trabalho com a concordância nominal na sala de aula.

Objetivos específicos:

*Analisar linguisticamente conto;

*Responder questões referentes à concordância nominal e ao preconceito linguístico;

*Realizar reflexão sobre a língua e sobre a concordância nominal;

*Debate em relação a concordância nominal.

Procedimentos: No primeiro momento da aula será para realizar as atividades que não foram feitas do plano 3. Nesse momento será para trabalhar em cima do conto do plano 2: “Aconteceu amor” do autor José Falero, com base nesse conto, a estagiária selecionou frases para trabalhar a questão da análise de aspectos linguísticos do conto, essas frases estão no anexo 1, serão colocadas no quadro apenas as frases, e serão analisadas pelos alunos com a ajuda da estagiária que vai ir guiando essa questão da análise linguística, além disso será solicitado que os alunos copiem essas frases nos seus cadernos, para que possam voltar nelas caso seja preciso mais adiante. Após esse momento a estagiária irá apresentar o anexo 2, com um material em que fala um pouco sobre a Vila Sapo que é o local onde se

passa o conto e levará também imagens para ilustrar o local, esse material serve para contextualizar as falas do personagem do conto. Após a estagiária irá fazer algumas perguntas oralmente sobre algumas questões relacionadas ao conto e a língua, essas questões estão no anexo 3, e vão servir para guiar o debate com os alunos. Após toda essa conversa será apresentado no anexo 4, que apresenta uma definição de concordância nominal só para os alunos terem no caderno, e para que possam refletir sobre tudo que falamos durante a aula, nesse material contém questões que falam sobre a concordância nominal tanto na fala como na escrita. Após será solicitado um exercício para os alunos que servira para verificar se os alunos estão conseguindo acompanhar a questão relacionada a concordância nominal trabalhada neste plano, exercício explicado detalhadamente no anexo 5. Após será o momento para debate em relação ao exercício passado no anexo 5, os alunos terão espaço para retirar dúvidas e para expressar e mostrar aquilo que fizeram no exercício.

Materiais utilizados: Quadro e giz, caderno dos alunos, folhas impressas.

Avaliação: A avaliação será diagnóstica e formativa.

Referências:

<https://www.todamateria.com.br/concordancia-nominal/>

<https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>

VITAL, Lorenzo. Gramática inteligente do português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2017.

Anexos:

Anexo 1 – (frases retiradas do conto, apenas as frases serão colocadas no quadro)

Frases com problema de concordância nominal: (falas do Ronaldo)

*Tira as mão de mim.

*Eu e os guri.

Frases com concordância nominal padrão: (Falas da Marcinha)

*Conseguiu as camisinhas.

*A praça amanheceu sem os bancos.

Frases com alguns outros problemas na escrita: concordância verbal, oralidade, pronuncia:

***Ceis** não dão camisinha?

***Tu** não **é** meu pai.

*Vou mandar a minha mãe **vim** aqui.

***Tu vai** ver só.

*Foi **tu** que **fez** isso aqui.

Anexo 2 - (texto e imagens sobre a Vila Sapo, para contextualizar o local do conto já trabalhado)

Revista Opera: Como foi a sua infância? Fale um pouco sobre o lugar de onde você vem.

José Falero: Fui criado quase que a vida toda na Lomba do Pinheiro, que é um bairro periférico de Porto Alegre, localizado na extremidade da zona leste. É uma periferia urbana, mas com ares rurais, tá ligado? Tu está andando na rua e vê mato, vê cavalo, vê galinha solta. Criança, eu andava por tudo lá: cresci subindo em árvore, correndo, brincando livre. Eu passava o dia na rua com outros guris, os adultos não controlavam a gente. Apesar de muito pobre, tive uma infância bem boa até me mudar para a Cidade Baixa, que é um bairro de classe média. Meu pai era porteiro e foi promovido a zelador, então tinha que morar no serviço. Aí ele levou a família. Eu tinha uns cinco anos, fiquei lá até os dez, que foi quando minha mãe se separou do meu pai e voltou comigo e com minha irmã para o Pinheiro. Desde então estou aqui.

Revista Opera: Como você avalia a breve experiência como morador de um

bairro de classe média? Isso fez alguma diferença em sua forma de ver o mundo?

José Falero: Foi uma experiência muito rica ter conhecido esses dois mundos. Na Lomba do Pinheiro eu tinha total liberdade, mas vivia numa casinha fodida, feita com retalhos de madeira, que só tinha duas peças: uma que podemos chamar de cozinha — porque era onde ficava o fogão — e outra que era o quarto onde dormia todo mundo embolado: eu, meus pais e minha irmã. O banheiro ficava do lado de fora e era compartilhado com quatro famílias vizinhas. Eram 16 pessoas usando a mesma privada, o mesmo cano de chuveiro, o mesmo resto de sabão. A gente se lavava com aquele sabão grosso, amarelo, que se usa pra lavar roupa, tá ligado? Tu passava aquilo no rosto depois que outra pessoa tinha passado no saco. Era tudo muito precário. Mas na Cidade Baixa era outra parada. Assim que cheguei, tive um choque: “Bah, olha esse lugar, olha essas ruas, olha esses carros...” Eu nunca imaginei que pudesse haver um lugar como aquele, com ruas asfaltadas e limpas, sem restos de lixo jogados no chão, sem esgoto correndo a céu aberto... Por outro lado, foi ruim porque eu não tinha amigos. Eu era o filho do empregado e as crianças ricas não me chamavam pra brincar. E também não tinha como ficar na rua porque era perigoso, tinha muito trânsito, pessoas estranhas... Então, foi um período em que passei muito tempo sozinho, trancado no apartamento o dia todo, saindo apenas para ir à escola. Mas foi uma experiência rica por conta do contraste. Quando voltei pro Pinheiro, voltei sabendo que existiam duas cidades. Foi aí que começou a brotar em mim alguns questionamentos, tipo “por que é que a gente tem que viver nessa precariedade se há outra forma de vida?” Meu senso crítico foi aguçado por isso. O contraste forjou a minha visão de mundo.

IMAGENS DA VILA SAPO:



Perguntas para fazer oralmente aos alunos:

1-Quando vocês começaram a ler o conto, qual idade vocês acharam que os personagens tinham? (Ronaldo e Marcinha)

2-E quando vocês terminaram de ler o conto, qual idade vocês acharam que os personagens tinham? (Ronaldo e Marcinha)

3-Os dois personagens moram no mesmo lugar?

4-Os dois personagens estudam no mesmo lugar?

5-Porque ele fala “errado”?

6-O que seria falar o certo?

7-Vocês falam assim igual ao Ronaldo?

8-Se sim, então vocês falam “errado”?

Anexo 4 - (Definição de concordância nominal) - (Será levado impresso para os alunos)

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Os adjetivos, os pronomes adjetivos, os numerais e os artigos concordam em gênero e número com os substantivos aos quais se referem.

Ex.: Os nossos primeiros contatos começaram de **maneira amistosa**.

Como destacamos, as palavras que pertencem às classes *nome*, *adjetivo*, *numeral*, *determinante* e *pronome* concordam entre elas. Veja o exemplo seguinte:

Ex.: As minhas irmãs mais novas, Tiago falou que **elas** vão ficar muito **bonitas**.

As palavras destacadas, isto é, o **determinante As**, os **pronomes minhas e elas**, o **nome irmãs** e os **adjetivos novas e bonitas** concordam em **número**, isto é, estão todas no plural, e em **gênero**, já que todas estão no feminino. Observe agora outro exemplo:

Ex.: Os meus irmãos mais **velhos**, Carlos falou que **eles** foram **os primeiros**.

Nesse caso, as palavras concordam em **número**, já que estão todas no

plural, e em **gênero**, pois estão no masculino.

Veja a seguir que a concordância pode se realizar no singular no que se refere ao **número** e, como acabamos de ver, no feminino ou masculino em relação ao **gênero**:

Ex.: **O meu irmão** mais **velho**, Ana falou que **ele** é muito **generoso**.

A minha irmã mais **nova**, Tiago falou que **ela** vai ficar muito **bonita**.

A concordância nominal ocorre também com os pronomes possessivos. Nesse caso, o pronome concorda com a **pessoa** a que se refere (1ª, 2ª ou 3ª) e varia em **gênero** (masculino e feminino) e **número** (plural e singular) de acordo com aquilo que é possuído:

Ex.: Entrou água no **meu celular**.

Eu não dormi na **minha cama**.

Nessas orações, a concordância do possessivo **meu**, no masculino e singular, é com **celular**; e **eu**, a pessoa que fala, concorda com **minha** que, por sua vez, concorda com **cama**.

A CONCORDÂNCIA NOMINAL NA ESCRITA E NA FALA

A concordância nominal da maneira como explicamos até aqui é mais esperada, ou ocorre com mais frequência, quando usamos a língua na modalidade escrita.

Na fala, por outro lado, nem sempre a concordância ocorre da maneira como mostramos que se dá na escrita. Isso também é esperado e mostra também que esse fenômeno, como qualquer outro, sofre o que chamamos de **variação**.

A CONCORDÂNCIA NOMINAL NA ESCRITA

Vejamos agora, por meio do texto seguinte, que foi retirado do conto “Aconteceu amor” do autor José Falero, como aparecem os morfemas de concordância nominal num texto escrito real, da maneira como as regras que expusemos aconselham. O efeito da aplicação dessas regras pode ser mais bem visualizado por meio do sublinhado dos morfemas:

“**Os passageiros** perceberam que tavam sob ataque e ficaram tentando fechar **as janelas**, desesperados. Foi tudo em vão. Qualquer um sabe que é impossível fechar **as janelas dos ônibus**. Eu e a Marcinha jogamos cada qual sua última camisinha praticamente ao mesmo tempo. Foi lindo de ver. Pra mim, pareceu que foi tudo em câmera lenta. **As duas bombas** entraram uma atrás da outra pela mesma janela. [...]” (FALERO, p.5)

A CONCORDÂNCIA NOMINAL NA FALA

Na fala, como temos insistido, nem sempre a concordância nominal ocorre de acordo com as regras que propusemos para a escrita. Vejamos os exemplos retirados do conto “Aconteceu amor” do autor José Falero e um outro exemplo retirado de trechos reais de fala:

Com problema na concordância nominal:

“-Ah, tira as mão de mim, [...]”

“-Eu e os guri. [...]”

Com a concordância nominal segundo as regras:

“-O quê? Conseguiu as camisinhas?”

“-[...], quando a praça amanheceu sem os bancos [...]”

Trecho real de fala:

-O futebol tá muito mudado... a gente não vê mais **os jogador** de antes...

Para terminar esta parte, vamos deixar bem claro o seguinte: quando afirmo que, por exemplo, **os** e **jogador** estão concordando no plural, embora não apareça nenhum –S em **jogador**, o que quero dizer é que nossa compreensão da oração inclui considerar que, mesmo sem o –S, o falante se refere a mais de um jogador.

Obs: Concordância nominal é a relação morfológica entre os vários nomes de uma oração. Normalmente, ocorre entre os artigos, substantivos e adjetivos, mas também ocorre com outras classes de palavras como os pronomes adjetivos, particípios, numerais adjetivos, numerais substantivos e pronomes.

(essa parte será explicada e passada no quadro para os alunos, após a parte em que fala de morfemas no texto)

Morfemas de gênero e número: servem para indicar, gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Exemplos:

*O aluno atencioso prestou atenção na aula.

*Os alunos atenciosos prestaram atenção nas aulas.

*A aluna atenciosa prestou atenção na aula.

*As alunas atenciosas prestaram atenção nas aulas.

Anexo 5 - (Exercício)

Será solicitado aos alunos um exercício:

Agora, após toda a discussão trabalhada até aqui, pesquisem em casa e me tragam um exemplo de uso não padrão da concordância nominal, pode ser retirado de uma música, de um livro, de um conto, de um artigo, de qualquer outro texto.

Plano 5: De 05/06/2023 à 07/06/2023 – 6h/aula.

Título da oficina/plano: Escrita de conto.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade de escrita de conto dos alunos.

Objetivos específicos:

*Escrever conto;

*Responder questões referentes a primeira escrita do conto;

Procedimentos: No primeiro momento da aula será para a apresentação do exercício de pesquisa dos alunos passados na última aula do plano anterior. Após será a apresentação da proposta de escrita do conto, mais detalhado no anexo 1. Após os alunos poderão tirar suas dúvidas e escrever suas primeiras versões dos contos. Após, no anexo 2, terá um exercício de auto-avaliação da escrita do conto, em que os alunos irão analisar as questões de acordo com o que escreveram nos seus contos, com isso a estagiária irá orientar os alunos nesse processo, e após fara uma conversa coletiva para tratar das características que compõem o conto, como por exemplo, conflito, clímax, desfecho, entre outros.

Materiais utilizados: Quadro e caneta, folhas de ofício.

Avaliação: A avaliação será diagnostica e formativa.

Referências:

Anexos:

Anexo 1: (Proposta de escrita do conto, será passada no quadro e explicada para os alunos)

Após todas as discussões que fizemos durante as aulas anteriores, e com a

ajuda do texto em que tem a estrutura e algumas características do gênero conto, escrevam um conto em que tu és o personagem: tem que ter diálogo e tem que apresentar uma linguagem que usas no dia a dia, o narrador precisa estar em 1ª pessoa. Defina um espaço e um tempo, ou seja, um onde e um quando tudo aconteceu. Precisa ter a situação inicial, o desenvolvimento e a situação final. Além de apresentar os elementos: conflito, clímax e desfecho.

Coloquem no início da folha: nome, data, série/turma, e deem um título para o conto de vocês.

Anexo 2: (Exercício de auto-avaliação, será passado no quadro e os alunos irão responder e entregar junto com as escritas dos contos)

1-Em qual tipo de conto vocês acham que se encaixa o conto que escreveram? Explique.

2-O narrador da história está em 1ª pessoa? Traga um trecho do conto em que mostra o narrador.

3-Qual o tipo de espaço do conto: físico ou social? Traga um trecho em que apresenta algo sobre o espaço.

4-Qual o tempo da narrativa do conto: cronológico, psicológico ou a técnica do flashback? Explique e apresente um trecho do conto em que mostra esse tempo.

5-O conto tem situação inicial? Mostre onde começa e onde termina.

6-O conto tem desenvolvimento? Mostre onde começa e onde termina.

7-O conto tem uma situação final? Mostre onde começa e onde termina.

8-O conto tem conflito? Apresente um trecho em que mostra esse conflito.

9-O conto tem clímax? Apresente um trecho em que mostra esse clímax.

10-O conto tem desfecho? Apresente um trecho em que mostra esse desfecho.

Plano 6: De 12/06/2023 à 16/06/2023 – 6h/aula.

Título da oficina/plano: Reescrita de conto.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade dos alunos de escrita e reescrita de conto.

Objetivos específicos:

- *Escrever conto;
- *Responder questões referentes à primeira escrita do conto;
- *Reescrever conto;
- *Criar imagens para divulgação dos contos.

Procedimentos: No primeiro momento da aula será para os alunos terminarem de escrever os seus contos, aqueles que já tiverem terminado a escrita do conto, já vão passar para o exercício que está no anexo 1, que é um exercício de auto-avaliação da escrita do conto, em que os alunos irão analisar as questões de acordo com o que escreveram nos seus contos, com isso a estagiária irá orientar os alunos nesse processo, e após fara uma conversa coletiva para tratar das características que compõem o conto, como por exemplo, conflito, clímax, desfecho, entre outros. Após a estagiária irá devolver os contos escritos pelos alunos, com anotações para que possam arrumar algumas questões. Após os alunos irão reescrever os seus contos, levando em conta as anotações feitas pela estagiária na primeira versão das escritas, e também o exercício de auto-avaliação que fizeram. No decorrer de toda a aula os alunos poderão retirar duvidas ou fazer perguntas para a estagiária. No anexo 2, será apresentada a proposta de reescrita do conto aos alunos.

Materiais utilizados: Quadro e caneta, folhas de oficio.

Avaliação: A avaliação será diagnostica e formativa.

Referências:**Anexos:**

Anexo 1: (Exercício de auto-avaliação, será passado no quadro e os alunos irão responder e entregar junto com as escritas dos contos)

1-Em qual tipo de conto vocês acham que se encaixa o conto que escreveram? Explique.

2-O narrador da história está em 1ª pessoa? Traga um trecho do conto em que mostra o narrador.

3-Qual o tipo de espaço do conto: físico ou social? Traga um trecho em que apresenta algo sobre o espaço.

4-Qual o tempo da narrativa do conto: cronológico, psicológico ou a técnica

do flashback? Explique e apresente um trecho do conto em que mostra esse tempo.

5-O conto tem situação inicial? Mostre onde começa e onde termina.

6-O conto tem desenvolvimento? Mostre onde começa e onde termina.

7-O conto tem uma situação final? Mostre onde começa e onde termina.

8-O conto tem conflito? Apresente um trecho em que mostra esse conflito.

9-O conto tem clímax? Apresente um trecho em que mostra esse clímax.

10-O conto tem desfecho? Apresente um trecho em que mostra esse desfecho.

Anexo 2: (Será passado no quadro para os alunos.)

Após receber a primeira versão do conto com anotações, e terem feito o exercício de auto-avaliação, reescrevam o conto levando em consideração as anotações e os comentários presentes na primeira versão e na auto-avaliação de vocês. Nessa reescrita quero que façam uma capa com o título do conto e algum desenho que represente a história.

Plano 7: De 19/06/2023 – 2h/aula.

Título da oficina/plano: Divulgação ao público de conto.

Objetivo geral: Desenvolver a capacidade dos alunos em relatar oralmente sobre conto.

Objetivos específicos:

*Relatar oralmente a escrita do conto;

*Fazer um caderno de contos para divulgação na biblioteca da escola.

Procedimento: No primeiro momento da aula terá o encerramento do estágio, com um relato dos alunos sobre a experiência da escrita do conto, mais detalhado no anexo 1, que será um momento de divulgação ao público. E para finalizar o estágio faremos um caderno de contos com as escritas dos alunos para divulgar na biblioteca da escola.

Materiais utilizados: quadro e caneta, e folhas com as escritas dos contos dos alunos.

Avaliação: Será diagnóstica e formativa.

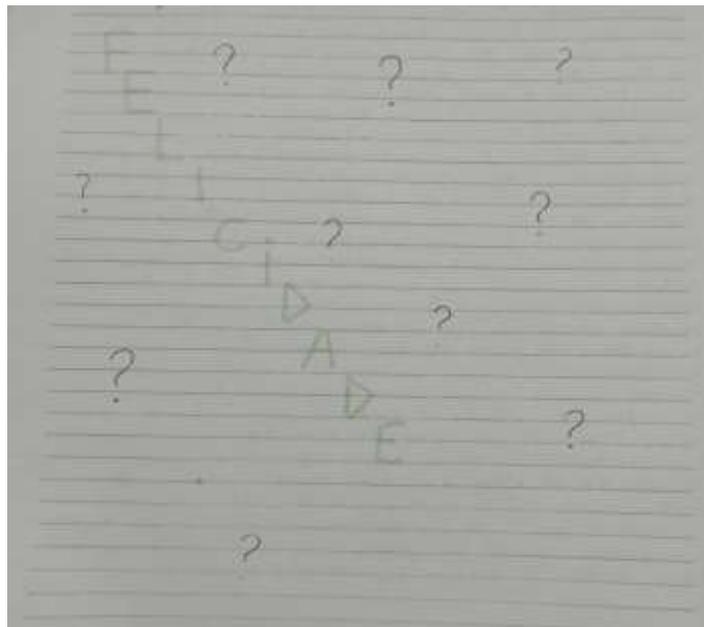
Referências:

Anexos:

Anexo 1:

Agora, com os contos escritos, relatem a experiência de vocês durante o processo de escrita do conto e falem um pouco sobre a história de vocês para os colegas. E após montarmos o caderno de contos para deixar na biblioteca da escola.

APÊNDICE C - PRODUÇÕES DOS ALUNOS



FELICIDADE

Um certo dia, em seu quarto, Caio se perguntou o que era felicidade? Se era um sentimento ou bens materiais para as pessoas. Como se elas precisassem de algo para serem felizes, por causa disso Caio saiu da fazenda em que morava com seus pais, para sair em busca de dados para a sua pesquisa sobre a felicidade.

Saindo do interior para ir a cidade, Caio foi a um lar de idosos perguntando a cada um dos senhores e senhoras o que seria esse sentimento pra eles, alguns falavam como esperavam ansiosa visitas de familiares ou de pessoas que se importavam com eles.

Segundo fui no lar de passagem, as crianças me falavam como sentiam falta da família que muitas vezes não queriam está ali.

Quando estava indo para casa, encontrei no meio do caminho um senhor que estava trabalhando no farol, cheguei perto e perguntei:

- Senhor o que seria felicidade pra você?

O senhor me respondeu:

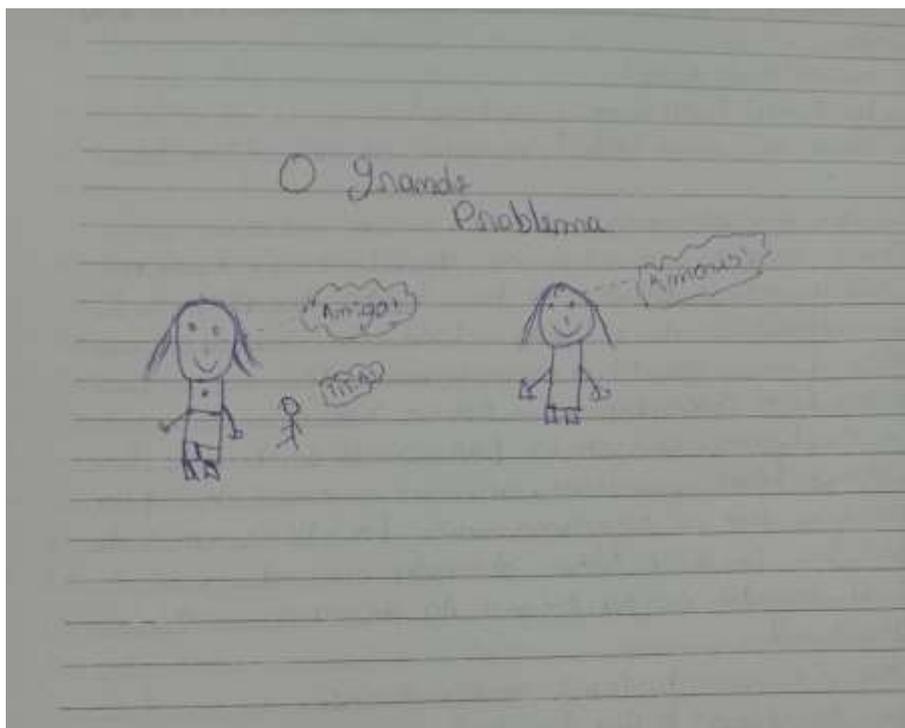
- É quando não falta comida em casa. Eu trabalho muito pra que não falte nada pra minha família.

Depois desse dialogo me despedi do senhor, que descobri que se chamava Alberti, e fiquei pensativo sobre todas as conversas que tive nesses dias com pessoas diferentes.

Me perguntava que quanto mais as pessoas se esforçam para terem seus esforços reconhecidos, eles não tinham. Parecia que quanto mais as pessoas boas faziam ações boas, menos se davam bem na vida, mas não do jeito certo.

Quando voltou pra fazenda, Caio ficou pensando no que era realmente a felicidade, pra cada pessoa era diferente, como estar com as pessoas queridas, pra outras bens materiais, não acho que tenha uma única definição do que é felicidade.

Descobri que a felicidade pode estar nas pequenas coisas, e não precisa de uma definição.



O GRANDE PROBLEMA

Era uma noite de sábado bem calmo e eu estava em casa, deitada no sofá da sala assistindo Grey's Anatomy, quando recebi uma ligação da minha amiga Cristina.

- Eai, amiga! Tudo bem?

- Eai, Cristina! Tudo sim e contigo?

- Tudo! Bora dar uma volta? Conversar, ir em algum bar talvez...

- Bora! Vou me arrumar e a gente se encontra.

E assim nós se encontramos, decidimos ir num bar ali da cidade mesmo. Chegamos lá e tinha bastante movimento, música, gente bebendo... Tava um verdadeiro caos na verdade. Eu e Cristina começamos a conversar pedimos bebidas para descontrair um pouco, bebemos as nossas bebidas e decidimos sair de lá, por causa do barulho que não tava dando para conversar. Saímos a caminhar pela cidade, conversa vem e conversa vai... Cristina me solta uma bomba! Que eu Izzy fiquei chocada, mas dei um apoio para a minha amiga, afinal ela me ajudou quando eu mais precisei!

- Izzy, acho que fiz uma besteira muito grande.

- Ai meu deus, Cristina! O que tu fez?

- Eu... Eu fiquei com o marido de uma conhecida minha... Eu sai, fiquei bêbada, ele tava no mesmo bar que eu bebendo também... e aí rolou. A gente foi para um motel.

- Ok! Isso foi uma coisa horrível que tu fez, mas vocês estavam bêbados; o que ainda é três vezes pior...

- É! So que ainda pode ta mais complicado ainda minha menstruação tá atrasada, e parece que a gente não usou camisinha.

- Ferrou, Cristina!

Eu fiquei chocada, mas não estava ali para julgar ou criticar a Cristina, afinal ela é minha amiga né... Mas eu conversei com ela e concordamos que

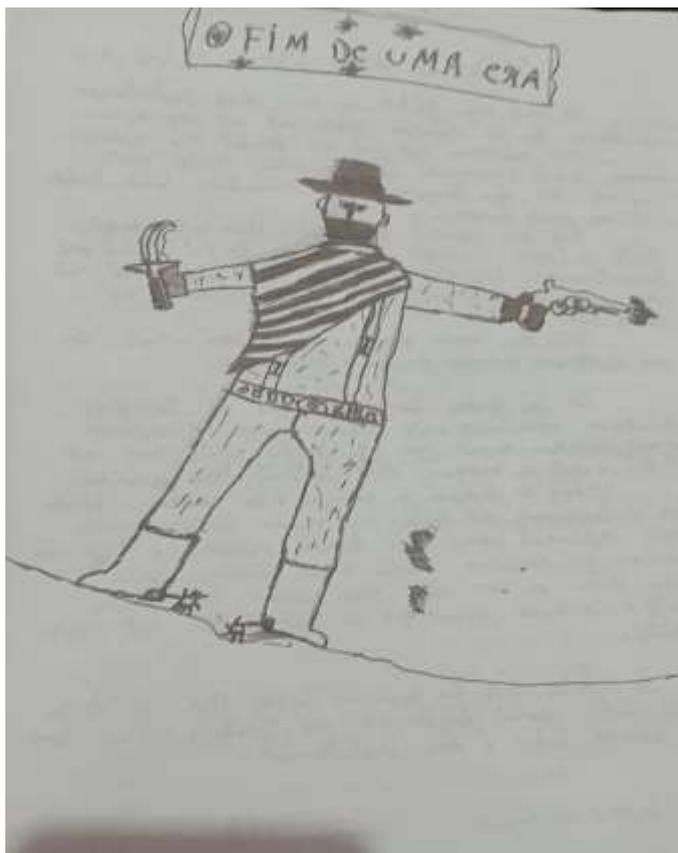
isso foi um absurdo, mas eu disse que se der o acaso dela estar grávida, ela teria que contar para ele, ir atrás dele afinal ela não fez sozinha.

- Ah! Por quê a gente não vai ali na farmácia, comprar um teste de gravidez? (disse eu Izzy)

- Vamos. (disse Cristina meio suspensa)

Chegamos na farmácia, compramos o teste e fomos num banheiro que tinha ali pelo centro mesmo. Deu positivo. Cristina assustada em pânico e eu também. Acalmei ela e decidimos ir para casa. Chegando em casa conversamos e decidimos ligar para o pai da criança. Assim que amanhecesse. E assim qui amanheceu Cristina tentou entrar em contato com ele, mas ele não atendeu. Isso já era fato que aconteceria! Cristina insistiu até cansar, mas mesmo assim sem sucesso algum. Até que eu tive uma ideia talvez não muito boa mas ia ajudar em algo. Pensei em ligar para a mulher, a esposa dele e contar né. Não ia ser nenhuma novidade porque provavelmente Cristina não foi a primeira e nem a última que ele ficou dentro do casamento. E assim foi, a mulher não ficou surpresa, só chocada, afinal é uma criança né... com o passar do tempo a criança nasceu e por a Cristina ser mãe solteira, ela recebeu muita ajuda da mulher, minha e da família dela.

Nasceu uma linda menina chamada “Maria” muito linda e saudável, amada por todos. As vezes nossos maiores erros acabam se tornando uma coisa maravilhosa.



O FIM DE UMA ERA

O ano era 1899, a era dos pistoleiros e foras da lei estava chegando ao seu fim.

Eu estava no Sul do Brasil na época, uma cidade chamada Tumbeluerd perto das serras, um dos lugares que mantém suas raízes até os dias finais.

Eu me chamo Jack Harllou, eu fazia parte de uma Gangue os “Lobos do Sul”. Eles me encontraram quando eu estava me afogando no rio ondilo a alguns anos, desde então, eu estou com eles.

Não era uma gangue muito boa, mas eles me acolheram quando eu mais precisava.

Eu já havia percebido que os tempos tinham mudado, as pessoas não queriam mais pessoas como nós. Eu tentei dizer isso ao Bill, o chefe da gangue, mas ele não me escutou.

Então eu desertei a gangue, já estava cheio das baboseiras do Bill. Eu queria viver uma vida normal como uma pessoa normal. Mas não é assim que funciona, você não consegue sair dessa vida de um dia pro outro, isso leva tempo e paciência, coisas que eu não tinha no momento.

O melhor que eu poderia fazer era ir para outro país como Austrália ou Taiti e sei lá, um país longe daqui e dos problemas.

O jeito mais rápido de conseguir dinheiro era caçando recompensas. Então, lá fui eu, coloquei meu poncho, peguei meu chapéu e coloquei minha faca e minha arma no meu coldre.

Primeiro Alvo: Jhon Clide, ele veio dos Estados Unidos, agora no Brasil ele era um cidadão livre. Trabalhava com remédio até ser acusado por envenenamento múltiplo, ele matou mais que os matadores pistoleiros sem mover um dedo.

Sua última localização foi num rancho perto do Rio Lima.

Eu subi em uma montanha próxima ao rancho e pude observar que o local estava silencioso, então, adentrei a propriedade e fui até a casa e encontrei o idiota dormindo, como se não tivesse uma recompensa de R\$200 nas suas costas.

- Bom dia cowboy!

- Quem... Quem é você?

- Isso não importa, mas eu sei quem é você.

- Eu não fiz nada, eu sou inocente!

- Você não parece tão inocente assim.

- Eles tão me pagando bastante pra te levar com vida.

- Por favor não, eu não tenho dinheiro.

- Cala a boca e vem comigo.

Eu o nocautei e então o amarrei e o levei para a delegacia.

R\$200,00 é um bom dinheiro, para eu começar a me preparar. Mas, não é o suficiente.

Tenho um ultimo alvo em mente. Antonio Pascual um pistoleiro lendário. Ele é procurado em 5 estados diferentes por matar e assaltos e assassinatos, e tão me pagando R\$1.500,00 por ele. É o dinheiro que eu preciso.

Sua última localização foi na montanha de Bethom.

Eu fui no Armeiro e comprei um rifle com luneta e me dirigi até a montanha do lado e observei o local.

Haviam muitos homens, mas, eles não faziam a menor ideia de onde eu estava, então não foi um problema lidar com eles.

Logo eu fui para a montanha onde ele estava...

- Olá M. R Pascual!

-Eu sabia que você iria vir caçador de recompensas.

- Soque será a ultima coisa que você fará!

- Ok Vaqueiro.

Então eu o fiz, fui tão rápido quanto uma lebre e disparei antes que ele atirase em mim.

- Seu desgraçado.

- Bom, parece que sou melhor que você!

- Agora fique quieto e venha comigo!

Eu peguei ele, amarei-o e o joguei dentro da cela da delegacia.

Finalmente eu tinha o dinheiro suficiente para ir embora de lá.

Meus ex colegas, vieram atrás de mim. Eu não queria revidar, mas eu não tinha escolha. Então, eu o fiz, eu atirei em todos aqueles que um dia eu chamei de irmãos.

Hoje eu estou com meus dias contados, já estou velho. Mas, estou vivendo em uma era sem bandidos e foras da lei. Eu cuido do meu próprio rancho e não, caço bandido nele.